



**SORAYA MARISA
RODRIGUES RIBEIRO
DE OLIVEIRA** **O Voluntariado na Promoção da Leitura na
Biblioteca Escolar**



**SORAYA MARISA
RODRIGUES RIBEIRO
DE OLIVEIRA**

**O Voluntariado na Promoção da Leitura na
Biblioteca Escolar**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Promoção da Leitura e Bibliotecas Escolares, realizada sob a orientação científica da Doutora Lúcia J. Oliveira Loureiro da Silva, Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha família pelo incansável apoio.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora Maria Luísa Álvares Pereira
Prof. Auxiliar do Departamento de educação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Vania Baldi (Arguente)
Prof. Auxiliar Convidado da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Lúcia de Jesus Oliveira Loureiro da Silva (Orientadora)
Prof. Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A presente dissertação resulta do contributo de várias pessoas, que direta ou indiretamente, influenciaram a sua concretização. Destacam-se aqui:

- o Rui e o Miguel, de quem, mais uma vez, tive que prescindir;
- a minha mãe, pelas histórias, todas as noites, contadas ao Miguel (apesar da distância) e que inspiraram este projeto;
- a minha família, que sempre me incentivou e apoiou;
- a doutora Lúcia Oliveira, pela sua valiosa orientação e força;
- os alunos, os voluntários, os professores de 1º ciclo, a Direção e a equipa da Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã.

palavras-chave

Promoção da leitura, biblioteca escolar, família, voluntariado na leitura.

resumo

Este trabalho pretende demonstrar até que ponto um projeto de voluntariado na leitura contribui para a promoção da leitura no Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã, em particular com a coordenação da Biblioteca Escolar, com o envolvimento da Escola e com a colaboração da família e de outros voluntários.

Com a cooperação destes 3 pilares – Escola, Família e Biblioteca Escolar – a promoção da leitura e implementação de hábitos de leitura será possível.

O estudo incidiu na promoção de atividades de leitura por voluntários, destinados a alunos de 3º e 4º anos.

Com os voluntários da leitura – seniores ou jovens, oriundos das famílias dos alunos ou de fora destas – pretende-se promover e consolidar a leitura nos alunos, mas também valorizar o contributo de todos para o desenvolvimento das crianças, para que estas se formem adultos conscientes da importância do voluntariado, da cooperação e coordenação de esforços para a concretização de objetivos.

keywords

Promotion of reading, school library, family, volunteering in reading.

abstract

This work aims to demonstrate the extent to which a project in reading volunteer contributes to promoting reading in «Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã», in particular with the coordination of the School Library, with the involvement of the School and in collaboration with the family and other volunteers.

With the cooperation of these three pillars - School, Family and School Library - reading promotion and the implementation of reading habits are possible.

The study focused on promoting reading activities by volunteers, intended for children of the 3rd and the 4th grades.

With the reading volunteers - seniors or young people, from the families of the children or outsiders – the intention is to promote and consolidate reading in pupils, but also to value everyone's contribution to the development of children, so that they become adults aware of the importance of volunteerism, cooperation and coordination of efforts for the achievement of purposes.

Índice

Introdução.....	1
I - Enquadramento teórico	4
1. Promoção da Leitura	4
1.1. Leitura e Literacias	4
1.2. Mediação da Leitura	7
1.3. A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário	12
2. A Escola e a família	16
2.1. Relacionamento Intergeracional	19
3. Projeto de voluntariado de leitura	22
3.1. O voluntariado	22
3.2. Os voluntários de leitura	27
3.2.1. O projeto Voluntários de Leitura	32
II. Contextualização	34
1. Meio Envolvente	34
2. O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã	35
3. As Bibliotecas do Agrupamento	37
4. Contributo para o Agrupamento	38
III. Enquadramento Metodológico	41
1. Descrição e justificação dos instrumentos de recolha de dados	44
2. Metodologia de recolha de dados.....	46
3. Explicitação dos procedimentos de aplicação dos instrumentos de recolha de dados	49
IV. Análise e Interpretação dos Resultados	51
1. Análise de dados	52
1.1. Análise dos resultados gerais obtidos nos questionários aos alunos	59
1.2. Análise dos resultados gerais obtidos nas grelhas de observação	60

1.3. Análise dos resultados obtidos nos questionários aos alunos e nas grelhas de observação por grupo e por sessão	61
1.4. Análise dos resultados obtidos nos questionários aos voluntários	74
1.5. Análise dos resultados obtidos na entrevista à Professora Bibliotecária	77
V. Conclusões e recomendações de boas práticas	80
Bibliografia	88
Anexos	93
Anexo 1: Matriz do guião de entrevista	94
Anexo 2: Matriz do inquérito por questionário aos alunos	96
Anexo 3: Matriz do inquérito por questionário aos voluntários	98
Anexo 4: Grelha de observação	100
Anexo 5: Resultados do questionário aos alunos - fase 1	101
Anexo 6: Resultados do questionário aos alunos - fase 2	103
Anexo 7: Resultados do questionário aos voluntários	104
Anexo 8: Outros Documentos Consultados	107

Siglas e Acrónimos usados

AEPC	Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã
BE	Biblioteca Escolar
BECRE	Biblioteca(s) Escolar(es) e Centro de Recursos Educativos
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CNEB	Currículo Nacional do Ensino Básico
CNEB - CE	Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais
DEB	Departamento de Educação Básica
EBPC	Escola Básica Pêro da Covilhã
LP	Língua Portuguesa
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ME	Ministério da Educação
PAA	Plano Anual de Atividades
PCA	Projeto Curricular do Agrupamento
PCT	Projeto Curricular de Turma
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
PNL	Plano Nacional de Leitura
PTE	Plano Tecnológico de Escola
RBE	Rede de Bibliotecas Escolares
RBP	Rede de Bibliotecas Públicas
SPO	Serviço de Psicologia e Orientação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
WWW	<i>world wide web</i>

Introdução

Hoje a Escola deve valorizar a Biblioteca Escolar (que neste trabalho será referida igualmente como BE ou BECRE) e esta deve, por seu lado, dirigir o seu trabalho para que a Escola se aproxime do seu objetivo basilar - o sucesso educativo.

Este trabalho pretende incentivar a que a Biblioteca Escolar, com a colaboração de todos os que têm importância para o sucesso educativo dos alunos - a Escola (incluindo os órgãos que a gerem e a coordenam), a família (e o meio social que os abrange fora da Escola) e mesmo outros elementos externos ao seu ambiente (os voluntários da leitura) - promova efetivamente hábitos de leitura.

É pertinente refletir sobre o papel da Biblioteca Escolar e do professor bibliotecário neste processo de desenvolvimento de hábitos de leitura e literacias (em particular a literacia da leitura e a literacia da informação, sem esquecer as literacias tecnológica, matemática, visual, científica, entre outras) pois o sucesso escolar é o resultado da competência demonstrada pelos alunos no âmbito das diversas literacias, em particular no âmbito da leitura.

Também precisamos de ter em consideração que a Escola é ponto de encontro de várias realidades, de culturas e hábitos diversos.

O meio familiar das crianças é componente fundamental neste processo, pois se é fundamental que a Escola tenha o apoio da família para a criação de hábitos de leitura, também a família tem a beneficiar com o trabalho desenvolvido pela Escola, uma vez que este trabalho potencia o desenvolvimento da criança no âmbito escolar e pessoal. É também do seio familiar que se pode contar com maior interesse e mesmo disponibilidade na cooperação para a melhoria das capacidades das crianças, advindo daí a possibilidade do trabalho voluntário na leitura, especialmente por parte das gerações mais velhas, nomeadamente avós.

O voluntariado na leitura por parte dos indivíduos seniores pode contribuir muito para o sucesso educativo da geração mais nova, desenvolvendo hábitos de leitura nesta. Por outro lado este voluntariado permite potenciar uma camada da população muitas vezes subvalorizada e, por isso, esquecida. Já no caso do voluntariado jovem é possível desenvolver as competências de leitura e o conhecimento em geral de ambos os intervenientes - o jovem voluntário e a criança.

Objetivos/ Pertinência do estudo:

Numa altura em que o voluntariado assume uma importância cada vez maior em Portugal e na sociedade, também o ensino /aprendizagem vê o seu processo beneficiado com este recurso. O voluntariado na leitura, em particular, apresenta mais-valias não apenas no que respeita à promoção da leitura - que é o principal objetivo deste projeto - mas ainda também por valorizar e potenciar a intervenção de todos os que influenciam o desenvolvimento do aluno, dentro e fora da escola.

Com o voluntariado na leitura, fomenta-se que diversos elementos intervenham e se envolvam no processo educativo, visando a melhoria dos resultados escolares e contribuindo para a construção de uma mentalidade mais cooperativa e proactiva no reforço de um dos ‘pilares’ de uma sociedade melhor e mais evoluída - a Educação.

Para o indivíduo voluntário - independentemente da idade, do meio social e económico e das habilitações - o exercício do voluntariado na leitura pode ser gratificante a nível pessoal. Por outro lado as crianças podem beneficiar grandemente com esta ação, desenvolvendo as suas capacidades de leitura e de compreensão e valorizando as outras gerações, desenvolvendo-se a nível social e mesmo afetivo. Também a Escola, pela Biblioteca Escolar pode aproximar-se mais dos seus objetivos, entre eles, educar e formar para a cidadania através da promoção de hábitos de leitura e respetivos efeitos no sucesso educativo. São estes aspetos que se pretende analisar neste estudo e é neste sentido que se justifica a questão de partida desta investigação: ‘Qual o papel do voluntariado da leitura na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar?’, e consequentes subtemas: ‘Qual a perceção dos voluntários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’; ‘Qual a perceção das crianças no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’ e ‘Qual a perceção dos professores bibliotecários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’

Estrutura do trabalho:

Este projeto/trabalho apresenta a seguinte estrutura: O primeiro capítulo tem como objetivo fazer o enquadramento teórico do que se pretende desenvolver, contextualizando o projeto, sendo abordados alguns conceitos que orientaram este estudo; O segundo capítulo contextualiza o objeto de estudo, caracterizando o ambiente e o alvo de análise para o trabalho empírico; O terceiro capítulo apresenta a metodologia de investigação utilizada, os instrumentos e intervenientes no processo, bem como os procedimentos utilizados; No quarto capítulo apresentam-se os resultados

do estudo, a avaliação dos resultados obtidos, assim como as conclusões e recomendações de boas práticas futuras

Este trabalho foi desenvolvido de acordo com as etapas do procedimento científico apresentadas por Quivy e Campenhoudt (2005) :

Etapa 1: Pergunta de Partida

Etapa 2: Exploração

Etapa 3: A Problemática

Etapa 4: A Construção do modelo de análise

Etapa 5: A Observação

Etapa 6: A Análise e interpretação dos resultados¹

Etapa 7: Conclusões²

Etapa 1: Pergunta de Partida

Definição da questão de investigação ‘Qual o papel do voluntariado da leitura na promoção da leitura no âmbito da biblioteca escolar?’.

Etapa 2: Exploração

Exploração do tema a estudar, com incidência sobre a pergunta de partida, nomeadamente sobre quais os temas que esta procura investigar.

Etapa 3: A Problemática

Exploração das informações recolhidas.

Etapa 4: A Construção do modelo de análise

Considerando a pergunta central - Qual o papel do voluntariado (da leitura) na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar? - definiu-se o seguinte conceito: Voluntariado da leitura na promoção da leitura. Para tal definiram-se dimensões, conceitos e indicadores respetivos.³

¹ Esta etapa foi integrada no capítulo IV, designado Análise e Interpretação dos Resultados.

² Esta etapa foi integrada no capítulo IV, designado Análise e Interpretação dos Resultados e no capítulo V, Conclusões do trabalho.

³ Apresentados no capítulo III. Enquadramento Metodológico.

I - Enquadramento teórico

1. Promoção da Leitura

1.1. Leitura e Literacias

A Biblioteca Escolar (BE) deve formar leitores, adaptando a sua metodologia e as suas estratégias para promover a leitura, tendo em consideração os alunos de agora - nativos digitais - com interesses e necessidades completamente distintos, como referem Furtado e Oliveira (2010). A leitura deve ser vista de uma forma que permita construir sentido à realidade e desenvolver o espírito crítico.

Haycock (citado por Freire, 2007, p.24) refere vários estudos que confirmam a importância da BE para a aprendizagem dos alunos em diversos aspetos, tais como na leitura, e consequentemente no aumento dos níveis da leitura, na leitura livre e no incremento das competências de leitura e literacia.

Cada vez mais a BE deve intervir em espaços diversos, redefinindo e adaptando os seus objetivos e as suas estratégias, reforçando o trabalho colaborativo com a comunidade educativa e com outros parceiros, tendo um papel mais interventivo na promoção das literacias.

O desenvolvimento das diversas literacias nos alunos dentro da escolaridade obrigatória tem sido, nos últimos anos, um investimento nacional. A BECRE (Biblioteca Escolar Centro de Recursos), em grande parte devido ao investimento do Professor Bibliotecário na sua formação específica, tem assumido um papel cada vez mais interventivo na valorização do desenvolvimento das diversas literacias nos alunos, em especial na literacia da informação e na leitura.

De acordo com o PISA (Serrão, Ferreira, & Sousa, 2010), que teve início em 1997, apenas em 2009 os resultados obtidos pela análise do desempenho dos alunos, no que se refere à leitura, atingiram a média da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), tendo-se constatado uma melhoria até 2009. Apesar disso, nos últimos resultados, relativos a 2012, os alunos portugueses ficaram ligeiramente abaixo da média. O mesmo se verificou nos estudos realizados relativamente às literacias científica e matemática, revelando francos progressos até 2009 e um decréscimo em 2012.

Refira-se, porém, que Portugal se situa, com base nos resultados obtidos em 2012, entre os 13 países que revelaram mais melhorias no desempenho ao nível da literacia da leitura desde 2000 (início do estudo) até 2012.

Tavares (2007, p.45) define literacia como «‘leitura’ de diferentes textos, em diferentes suportes, com vista à construção do conhecimento», bem como a competência comunicativa, que abrange a compreensão oral, a expressão oral, a leitura e a expressão escrita.

Verificamos assim que a literacia e a leitura assumem uma ligação cada vez maior.

De acordo com Cerrillo (2003, p. 232) os leitores não nascem leitores, formam-se ou não com o tempo «Ni nacemos lectores ni nacemos no lectores: nos hacemos lo uno o lo outro com el paso del tiempo.»

Literacia da Leitura é, de acordo com o estudo PISA (Serrão et al., 2010, p.6) «a capacidade do indivíduo para compreender, usar, reflectir sobre e apropriar-se de textos escritos, de forma a alcançar os seus objectivos, desenvolver o próprio conhecimento e potencial e participar na sociedade.» (OCDE, 2010)

A promoção da leitura deve ser privilegiada na escola. «Ser um leitor fluente e crítico» é uma das metas do CNEB - Competências Essenciais da Língua Portuguesa (ME-DEB, 2002)

A leitura é ainda uma das Competências Específicas que se pretende que os alunos desenvolvam, sendo mesmo propostos níveis de desempenho para cada ciclo de escolaridade no âmbito da leitura.

A leitura ajuda à melhoria dos resultados escolares o que é validado pelo facto de os alunos que leem com regularidade geralmente obterem melhores resultados na escola, comparativamente aos alunos que não leem. «la extensión de la práctica lectora está directamente relacionada com el desarrollo de la educación» (Cerrillo, P., Padrino, 2001, p. 237)

A promoção de hábitos de leitura é um objetivo primordial e comum da Biblioteca Escolar, dos programas de Língua Portuguesa, das Metas de Aprendizagem de Língua Portuguesa de 1º, 2º e 3º ciclos e do Currículo Nacional do Ensino Básico.

A leitura é a chave do conhecimento, segundo Millán (Millán, 2008)

A Escola, através da BECRE, das disciplinas curriculares e de outros meios que dispõe, como por exemplo a criação da ‘Hora do Conto’ (como Atividade Não Curricular ou Oferta de Escola), pode implementar a dinamização de atividades de motivação à leitura. Devem ser usadas pela Escola todas as estratégias possíveis para consolidar

hábitos de leitura - «*Enseñar a leer y escribir es relativamente fácil, pero nolo es tanto crear y consolidar hábitos lectores.*» (Cerrillo, Larrañaga, & Yubero, 2002)

A Biblioteca não deve limitar-se a disponibilizar informação. Deve contribuir para a construção do conhecimento, formando leitores, desenvolvendo competências de leitura e de literacia da informação necessárias aos alunos para que se tornem leitores competentes.

Chartier (como referido por Guerreiro, 2011) define como leitor competente aquele que consegue adequar-se à leitura em diferentes suportes, usando as «novas técnicas intelectuais».

O leitor autêntico (aquele que possui real competência de leitura) é aquele que inclui, usa corretamente e se adapta aos diversos suportes de leitura, considerando as limitações e potencialidades de cada suporte.

As competências leitoras são aperfeiçoadas com a melhoria da capacidade de memorização, interpretação, classificação e organização, de acordo com Bayona (2005).

A Biblioteca Escolar deve desenvolver projetos de animação da leitura de modo a tornar os alunos leitores competentes e autónomos.

Bayona (2005) considera a leitura um ato mais complexo do que a escrita, por isso a realização de atividades promotoras da escrita ajudam igualmente a desenvolver a competência da leitura, uma vez que, se a produção de texto contribui para construir o conhecimento, contribui inevitavelmente para ajudar à sua compreensão.

Hoje a leitura deve ser simultaneamente uma forma de adquirir informação, uma forma de aprendizagem, um processo de construir o conhecimento, um modo de participação social ou um meio de desenvolver a cidadania.

Leitura não é apenas a capacidade de reproduzir o que está escrito - é ser capaz de compreender e adequar o que se lê.

Se tivermos em conta Mourão (2009, p.23), a leitura permite que as pessoas sejam melhores, mais felizes e adquiram assim plena cidadania.

A distinção de diferentes literacias é questionável, pois se podemos considerar a existência de diversas literacias, conforme a área a que se referem (tecnológica, digital, científica, matemática, visual, verbal, entre outras) se nos referirmos a literacia da informação, esta engloba todas.

A Biblioteca Escolar deve formar os alunos para todas as literacias, envolvendo-se mais diretamente na promoção da leitura e da expressão escrita, na pesquisa da informação e na formação de utilizadores. «*para ser um indivíduo com habilidades em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando necessita de informação*

e possuir a habilidade para localizar, avaliar e utilizar efetivamente a informação necessária. Os indivíduos com habilidades em informação são aqueles que aprenderam a aprender.» (ALA, como citado por Lau, 2007)

A promoção da literacia da informação desenvolve as capacidades cognitivas. Como consequência a Biblioteca Escolar não pode desvalorizar a concretização de atividades neste âmbito. O desenvolvimento das capacidades leitoras nos alunos fica assim também beneficiado. A BECRE tem *«responsabilidades e trabalho acrescido: contribuir, de forma eficaz para formar leitores, com múltiplas literacias, mais competentes, mais críticos, mais autónomos, capazes de encontrar as respostas às suas necessidades de informação e conhecimento.»* (Calçada, 2009) O objetivo é, portanto, tornar os alunos mais autónomos, competentes e críticos.

A Biblioteca do século XXI é *«uma biblioteca onde a leitura é acarinhada e fomentada e o desenvolvimento da literacia da informação é vital.»* (DAS, 2008)

Kuhlthan (1996, referido por Conde, 2006) reconheceu quatro graus de desenvolvimento cognitivo, que correspondem a diversas respostas equivalentes por parte da BECRE: 1º - (até aos 7 anos) criar e fomentar o gosto pela leitura; 2º - (entre os 8 e os 10 anos) classificar, procurar e organizar diferentes tipos de documentos; 3º - (entre os 11 e os 13 anos) utilizar índices e ferramentas de pesquisa na web; 4º - (a partir dos 14 anos) desenvolver pesquisas indutivas ou dedutivas e selecionar e investigar informação de diversas fontes.

A Biblioteca *«deve valer-se de estratégias originais e atividades lúdicas com o texto literário, através da união do livro de literatura com as tecnologias de informação e comunicação.»* (Furtado & Oliveira, 2010)

1.2. Mediação da Leitura

«En la promoción de la lectura, como en la animación a la lectura, sobre todo cuando los destinatarios de las mismas son niños o adolescentes, es muy importante la figura del mediador» (Cerrillo et al., 2002, p. 229). A relação entre os livros e os leitores é criada pelo mediador da leitura, é ele o elo de ligação entre ambos.

O mediador da leitura pode ser familiar, bibliotecário, professor ou qualquer adulto ou jovem adulto e as suas funções são, de acordo com Cerrillo et al. (2002):

1. *Criar e fomentar hábitos de leitura estáveis.*
2. *Ajudar a 'ler por ler'.*
3. *Orientar a leitura extraescolar.*

4. Coordenar e facilitar a selecção de leituras por idades.

5. Preparar, desenvolver e avaliar actividades de animação à leitura.

No entanto existe o inconveniente de a escolha do livro normalmente não ser concretizada pelo leitor e sim pelo mediador. Se possível, o mediador deveria consultar antecipadamente o leitor para auscultar as suas preferências, em especial tratando-se de crianças.

A mediação da leitura pode mesmo ficar comprometida se: a aprendizagem da leitura e da escrita forem encaradas como uma atividade mecânica, desvalorizando a sua compreensão; o uso do livro como manual ou livro de texto; a leitura em demasia; considerar leitura como uma atividade sempre séria, o que leva a que se torne fastidiosa; a limitação da leitura à idade ‘apropriada’, limitando o gosto do leitor; a inexistência de leituras em contextos extraescolares da criança. (Cerrillo et al., 2002)

Fisher, Fray e Williams (2002) referem como estratégias de promoção da literacia verdadeiramente eficazes as seguintes (tal como foi demonstrado pelo estudo levado a cabo, em 1999, pela Herbert Hoover High School em San Diego, California):

- Leitura em voz alta para os alunos - Execução de momentos de leitura de textos com interesse para os alunos e que lhes despertem a atenção. Momentos que não devem ser muito extensos e devem ser antecipadamente preparados pelo professor. A leitura deve ser precedida de questões, para que os alunos tenham uma razão para ouvir com atenção o texto (história ou excerto). Devem ser usados distintos tons de voz, apoio audiovisual ou outros recursos. Aqui consideramos oportuno referir a conveniência de se ponderar as fases do processo da sessão de leitura apresentadas por Taquelim (2009), referidas mais adiante, neste subcapítulo.

- Uso da técnica criada por Donna Ogle, em 1986, para ajudar os alunos a ler e aprender, conhecida por K-W-L (Know, Want, Learn), em que se parte do que os alunos já sabem (Know), passa-se para o que se quer que percebam, aprendam ou descubram (Want), terminando com as reflexões e conclusões sobre o que aprenderam (Learn) - Esta técnica pode ser aplicada a qualquer trabalho ligado à promoção da leitura.

- Elaboração de mapas conceptuais ou representação da informação em esquemas - Esta estratégia permite que os alunos organizem e relacionem os conceitos mais relevantes, reorganizando o sentido e a lógica textual.

- Atividades de extensão de vocabulário - Pode ser realizado de várias formas, tendo sempre como meta o desenvolvimento do vocabulário dos alunos.

- Escrita para refletir ou aprofundar a compreensão sobre o que se leu - Esta estratégia pode ser realizada pela execução de uma ficha de leitura sobre o livro.

- Realização de anotações de forma estruturada - Esta atividade pode ter como objeto a organização de uma síntese ou um resumo sobre o que se leu.

- Aprendizagem recíproca - Em pequenos grupos, os alunos leem um texto com diferentes sugestões de trabalho, que vão sendo debatidas e efetuadas em conjunto.

Existem 10 estratégias que contribuem para a promoção de hábitos de leitura em crianças, segundo Gardner (Gardner & Meyers, 2005) e que se sintetizam em:

- fazer previsões sobre o que vai acontecer;
- enriquecer o vocabulário através de atividades de contextualização de palavras novas;
- distinguir / ler diferentes tipos de texto;
- parafrasear o que se leu;
- identificar e reconhecer diferentes pontos de vista;
- fazer inferências;
- identificar a ideia principal do que se leu;
- imaginar;
- escrever e /ou criar histórias;
- comentar, criticar e comparar o que se leu.

Para Tavares (2007) a leitura implica sempre processos de antecipação, seleção e contextualização, para além do suporte em que esta se concretiza.

A sessão da leitura deve não só servir para motivar à leitura, mas também para divulgar o livro, autor(es), coleção da Biblioteca, entre outros aspetos que se considerem importantes.

Furtado e Oliveira (2010) definem como leitor-autor aquele que consegue construir a partir do que lê, transformando o que lê. O ensino explícito da compreensão na leitura desenvolve a competência da escrita, formando assim leitores competentes. Perante esta perspetiva, o aluno passa a ser «agente interventivo, o professor é visto como um mediador, ou seja, alguém que planifica a sua mediação na sala de aula, porém, não segue um plano rígido» (Sardinha, M., Relvas, 2009)

As qualidades básicas do mediador da leitura devem ser: saber exprimir-se corretamente e com qualidade; ter a capacidade de se comover e fazer viver, sentir e sonhar; ser leitor habitual; transmitir o gosto pela leitura; conseguir levar o leitor a participar; ter imaginação e criatividade; acreditar e conhecer o seu papel como mediador; possuir alguma formação, não só literária mas também a nível psicológico e didático. (Cerrillo et al., 2002)

O mediador tem que gostar do livro que lê, de acordo com Prole (2008b), e ser leitor habitual.

O mediador da leitura, enquanto elemento da família do leitor, deve saber que ler não é tempo inútil e é divertido. A leitura não pode ser uma obrigação ou castigo.

A importância da leitura dos clássicos, segundo Calvino (1991), é que estes exercem uma «influência especial, tanto quanto se impõem como inesquecíveis». Também de acordo com este autor, a escola fornece os instrumentos que nos permitem optar «mas as opções que contam são as que se verificam fora e depois de todas as escolas. É só nas leituras desinteressadas que pode suceder esbarrarmos num livro que se torna o ‘nosso’ livro.»

Segundo Prole (2007) a leitura também pode ser promovida através das Comunidades de Leitores, pois nestas os leitores não se limitam a ‘receber’ uma atividade, sendo também agentes dinâmicos na referida atividade. Nas comunidades de Leitores não se formam leitores, mas permite-se aumentar o nível de leitura. Também a leitura extensiva não deve ser desvalorizada, pois é mais uma forma de desenvolver conhecimento. Ler muito permite ler bem - a competência leitora aperfeiçoa-se com a prática.

Para uma sessão de animação à leitura, Taquelim (2009) sugere a elaboração de um «*esboço desses 50 minutos de trabalho, construídos entre o mediador, o grupo e a palavra contada ou lida*». As etapas propostas por Taquelim para uma sessão de leitura são: Receção do grupo - o grupo tem a primeira impressão do mediador (deve-se ter atenção pois só há uma primeira impressão) e este deve conseguir cativar o grupo; Pré-leitura - Antecipação do que o grupo vai ler /ouvir pela análise da capa, do título, do(s) autor(es)...; Leitura em voz alta - o mediador deve ler um livro que aprecie, de forma eloquente e possibilitando que o grupo acompanhe as ilustrações. O mediador deve olhar frequentemente para o grupo «abraçando com os olhos todo o grupo. O centro (...) é o livro (...). O mediador é alguém que (...) ilumina o livro.» (Taquelim, 2009, p.3); Depois da leitura - O mediador conclui a sessão de leitura fazendo algo relacionado com o livro que leu, confirmando se o grupo compreendeu a história e gostou ou não dela.

1.2.1. O PNL na mediação da leitura

O PNL propõe estratégias e ações que promovem competências de leitura, de escrita e de hábitos de leitura. Segundo o relatório síntese elaborado em março de

2006, pela equipa coordenadora do PNL, as orientações estratégicas deste plano são as seguintes:

- *Alargar e diversificar as acções promotoras de leitura em contexto escolar, na família e em outros contextos sociais*

- *Contribuir para criar um ambiente social favorável à leitura*
- *Assegurar formação e instrumentos de apoio*
- *Inventariar e otimizar recursos e competências*
- *Criar e manter um sistema de informação e avaliação*

O PNL começou a sua ação nas crianças do ensino pré-escolar e de 1º ciclo, por ser nesta fase que se adquirem as competências básicas. Para esse propósito têm colaborado educadores, professores, pais e Encarregados de Educação, bibliotecários e animadores de leitura.

O PNL propõe-se contribuir para que se consiga elevar em Portugal os níveis médios de literacia da leitura, definidos pela OCDE, contando para tal com a colaboração de todos e de cada um.

De entre os objetivos do PNL, destaca-se aqui «Enriquecer as competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção de professores e de mediadores de leitura, formais e informais». O PNL dispõe de meios que contribuem e auxiliam as atividades de mediação de leitura. No sítio do PNL, o mediador de leitura dispõe de listagens de leituras recomendadas para leitura orientada, dos seis meses de idade até ao final do 3º ciclo de escolaridade, para leitura autónoma, do ensino pré-escolar até ao 12º ano e Centros Novas Oportunidades (CNO), como leitura autónoma e áudio-livros. Outros projetos do PNL, em parceria com outras entidades, existem para apoiar as atividades de promoção da leitura pelos diversos mediadores. É o caso do projeto ‘Amstras para Ler+’, em parceria com a RBE, cujo objetivo principal é o de estimular a leitura pessoal e autónoma junto das crianças e jovens, alunos de 1º e 2º ciclos de escolaridade, e envolvendo, como mediadores mais prováveis, os Professores Bibliotecários, a Biblioteca Escolar, os docentes do 1º ciclo e os docentes de Língua Portuguesa de 2º ciclo. Também o Concurso Nacional de Leitura, realizado em articulação com a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), o projeto SOBE - Saúde Oral e Bibliotecas Escolares - com a RBE e a Direção-Geral da Saúde, o projeto Dormir + Ler Melhor, em parceria com o Centro de eletroencefalografia, o projeto Ler + Mar, em parceria com a Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental, o projeto Podcast na Educação - concurso ‘Conta-nos uma história’, a Semana da Leitura, entre outros. O PNL disponibiliza uma biblioteca digital, com recursos agrupados por

idades entre os 3 e os 16 anos. (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/>)

O Projeto ‘Voluntários da Leitura’ é igualmente apoiado pelo PNL, por ter objetivos que se encontram com os objetivos do próprio PNL.

«Não se trata somente de complemento à aprendizagem formal realizada na sala de aula, mas também, e principalmente, trabalhar num contexto dinâmico e interativo, proporcionando acesso à literatura e oportunizando a leitura prazerosa.»(Furtado & Oliveira, 2010) Cabe à Biblioteca Escolar promover e dinamizar o PNL, quer pelo apoio ao trabalho desenvolvido na sala de aula, quer no que se refere à leitura lúdica.

O PNL também sugere formas de dinamização da leitura para a família, dividindo-a em 6 etapas:

- Escolha do momento apropriado;
- Escolha do livro, privilegiando a escolha do livro pela criança;
- Escolha do local adequado;
- Leitura (apontando para o que se lê, de forma clara e pausada, conversando sobre o que se lê e explicando o que a criança não compreendeu, antecipando o que se segue e eventualmente repartindo a leitura por diversas vezes);
- Reflexão conjunta sobre o final da história;
- Atenção à duração da história, que não deve exceder a vontade da criança que, quanto mais pequena for, menor capacidade de atenção tem.

1.3. A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário

De acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO (IFLA/UNESCO, 1999), os objetivos da Biblioteca Escolar são:

- *apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;*
- *criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;*
- *proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;*
- *apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;*

- *providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;*
- *organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;*
- *trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;*
- *defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;*
- *promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela.*

Destes objetivos, que passaram a ser mais abrangentes, destacam-se para este trabalho a promoção da leitura e das literacias e o seu envolvimento na comunidade educativa. «A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo.» (IFLA/UNESCO, 1999) Estes objetivos, para além de serem também comuns ao PNL, são coincidentes com os objetivos deste projeto, pois este projeto de voluntariado na leitura (no âmbito da Biblioteca Escolar) potencia o envolvimento da família, dos pais, da comunidade escolar e de recursos exteriores à Escola, favorecendo a realização de atividades de promoção da leitura que sensibilizem para o confronto com experiências e vivências diversas das dos alunos.

Na atual sociedade do conhecimento, a falta de conhecimentos deve-se à associação do excesso de informação com a incapacidade de apropriação dessa informação para construir conhecimento profícuo e «o excesso de informação transforma-se em lixo.» (Escola, 2005, p. 349)

A Biblioteca Escolar deve otimizar a gestão dos seus recursos, materiais e humanos, de modo a centrar em si a gestão da aprendizagem e do conhecimento da Escola, como defendido pelo Doutor Ross Todd.

O Professor Bibliotecário deve «promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela». (IFLA/UNESCO, 1999, p.2). É função da BECRE integrar o meio e a comunidade exterior à escola, mas que influenciam os alunos, tendo em conta as relações entre os diversos microssistemas (principalmente a relação entre a escola e a família) como refere Brofenbrenner (1979, citado em Gonçalves, 2003, p. 109).

A BE tem o dever de intervir e articular as suas atividades no sentido de aplicar as metas do Projeto Educativo da Escola, que devem ter em vista, em sincronização com as metas da BE, a promoção do sucesso educativo e integração social de todos os seus elementos.

O doutor Ross Todd define o impacto -da oferta e dos serviços de informação, a intervenção pedagógica -da BE «explícita, sistemática e programada» (Todd, 2003, p.25), e a transformação - a aprendizagem pelo aluno, como os três princípios fundamentais que devem guiar o serviço da BE.

A BECRE serve os seus utilizadores, independentemente dos constrangimentos de espaço ou de recursos materiais que possa ter. Deve, por isso, sair do seu espaço e usar recursos humanos e materiais desconformes dos tradicionais, podendo explorar os recursos disponíveis fora da escola, como a família dos alunos e outros possíveis parceiros - públicos ou particulares.

A Portaria nº 756/2009, de 14 de Julho, define o novo papel da BE na comunidade educativa *«como estrutura inovadora, funcionando dentro e fora da escola, capaz de acompanhar e impulsionar as mudanças nas práticas educativas, necessárias para proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento e o seu uso, exigidos pelas sociedades actuais.»*

O trabalho cooperativo entre o Professor Bibliotecário e os restantes intervenientes no processo educativo resulta na melhoria dos resultados escolares dos alunos. Sendo o PB dinâmico e interventivo no processo de aprendizagem quem promove o sucesso educativo.

O referencial de competências da Australian School Library Association (ASLA)⁴ define as competências dos Professores Bibliotecários e respetivos padrões de excelência. Referimos aqui apenas as que são mais relevantes para este projeto, de modo a não fazer aqui um levantamento demasiado exaustivo, não desvalorizando os restantes. Assim, os Professores Bibliotecários têm uma boa compreensão de como as crianças e adultos jovens se tornam leitores independentes; têm uma compreensão abrangente de literacia, literatura para crianças e adultos jovens, currículo e programas específicos nas suas escolas; têm um conhecimento detalhado de como promover e incentivar a leitura; criam e consolidam um ambiente de aprendizagem rico em informação, que suporta as necessidades da comunidade escolar; promovem um ambiente onde os alunos são encorajados e estimulados a ler, ver, ouvir e responder para compreensão e fruição; asseguram que seus programas são adequados às

⁴ <http://www.asla.org.au>

necessidades dos alunos na comunidade escolar; garantem que as políticas e procedimentos da biblioteca implementam a missão da escola; fornecem referência exemplar e serviços de informação à comunidade escolar; avaliam a aprendizagem do aluno para fornecer evidências do progresso em literacia da informação e da leitura; capacitam os outros na comunidade escolar para se tornarem aprendentes ao longo da vida; promovem a função de professor bibliotecário nas suas escolas e na comunidade em geral; promovem uma cultura de leitura através da promoção activa da literatura; promovem os serviços de biblioteca e de informação para a escola e a comunidade em geral.

Herring (1998, citado por Conde, 2006) define o Professor Bibliotecário como «*a pessoa que associa alunos, professores e recursos e impulsiona o planeamento do ensino de competências de informação através da escola. Neste sentido, a aprendizagem do aluno depende do professor-bibliotecário que saiba actuar como catalisador vital entre o que é aprendido pelos alunos e o modo como eles aprendem*».

Tomé (2008) define como funções essenciais do professor bibliotecário ser professor, parceiro no processo ensino-aprendizagem, especialista em informação e gestor (daí a importância da formação do PB).

2. A Escola e a família

Diversos autores, como apresentado por Nogueira (1998) mencionam a ausência de relações entre a escola e a família até ao início do século XX, sendo que, quer a escola, quer a família tinham o seu espaço privado, não interferindo uma com a outra. No entanto, *«sempre existiram relações sociais entre a família e a escola enquanto instituições, mas somente a partir dos anos 1960 é que as interações individuais entre pais e professores ganharam importância»*. (Van-Zanten, 1988, como citado por Nogueira, 1998)

A família e a escola passaram, no século XX, a ser espaços abertos e por isso permitindo a interação. Porém essa interação existia principalmente por causa da campanha na importância do diálogo e parceria entre as partes. Para além dos aspetos pedagógicos, também no âmbito das políticas educacionais se passou a incentivar o trabalho cooperativo entre a família e a escola. A disposição para a colaboração *«não se encontra igualmente repartida entre as famílias dos diferentes meios sociais.»* (Van-Zanten, 1988, como citado por Nogueira, 1998)

Atualmente já se verifica uma perspetiva nuclear da educação na vida da família. Por outro lado, também é normal que os educadores (professores ou outros intervenientes diretos no processo educativo) obtenham informações internas da vida familiar do aluno, com o intuito de o compreender melhor e assim adaptar estratégias pedagógicas.

Em 2001 foi criada, nos EUA, a lei *No Child Left Behind (NCLB)*, pelo Departamento de Educação Federal, que independentemente dos seus pressupostos de base, promove e define o envolvimento parental como estratégia primordial para melhorar o desempenho dos alunos.

A Escola normalmente assume normas associadas à ‘classe média’, o que facilita a relação com famílias de nível socioeconómico médio, pois permite um maior entendimento entre ambos. Apesar de as escolas, cujas famílias são de classe socioeconómica mais baixa, tenderem a conseguir uma maior participação e envolvimento das famílias, no que respeita ao esforço empreendido pela Escola para comunicar com as famílias, este é visivelmente menor com as famílias de estrato socioeconómico superior, segundo González e Jackson (2013).

A Escola e a família são o meio que envolve a criança durante o seu percurso de aprendizagem e de consolidação de hábitos de leitura e por isso devem empenhar-se,

reunindo esforços para que esse percurso seja o mais natural e que garanta um futuro melhor para a criança.

Escola e Família - parceiros na promoção da leitura

Tanto o conceito de leitura como o de família apresentam, segundo Corchete e Iglesias (2007), mais semelhanças que diferenças:

- A família constitui uma fonte constante de experiências e aprendizagens. A leitura também.
- A leitura conduz-nos no mundo, ensinando-nos como este é e ajudando-nos a expandir nele. A família também.
- A família influencia a personalidade, fazendo referências emocionais relevantes. Os livros também.
- A família pode ser diversão, emoção, calma, refúgio e consolo. A leitura também.
- Um livro pode ser o nosso melhor amigo, que nos responde a perguntas, ensina o que queremos saber e o caminho a seguir. A família também.

Ler proporciona grande autonomia na realização de qualquer atividade e o seu sucesso consequente. Ler é, por isso, um excelente investimento a médio e a longo prazo. A introdução de livros na rotina familiar que envolve a criança deve ser o mais precoce possível, pois o hábito da leitura favorece o sucesso educativo nas crianças.

«Ensinar a ler é tarefa da escola. É, aliás, uma das suas missões essenciais.

Mas hoje está plenamente provado que, quando a família se dispõe a colaborar, oferecendo livros e reservando alguns momentos para ler com os filhos, os benefícios são enormes.» (PNL, n.d.)

É muito importante que se partilhem leituras em casa, que exista o hábito de frequentar livrarias e bibliotecas. É muito provável que a vontade de ler um livro surja na sequência de um comentário ou opinião ouvida de alguém que o leu.

O PNL disponibiliza no seu sítio <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/> algumas orientações no sentido do envolvimento das famílias na promoção da leitura em cooperação com as escolas. Para esse efeito, apresenta sugestões de ações para o educador ou professor impulsionarem junto dos pais e Encarregados de Educação dos alunos do pré-escolar e 1º CEB respetivamente. O educador ou professor deve procurar sensibilizar as famílias para a importância dos livros de histórias para as crianças. Propõem-se diversas ações para ambos os níveis de aprendizagem, tais como a apresentação aos pais das vantagens de ler para os seus filhos e de lhes proporcionar contacto com livros, sugerir leituras de pequenos textos e

também de livros para serem lidos em família, registrar as leituras que se vão concretizando, incentivar a aquisição de livros, bem como a troca e oferta, e realizar atividades de divulgação de trabalhos dos alunos no âmbito de livros lidos e trabalhados em contexto de sala de aula.

No projeto Ler+ em Família são apresentadas razões para ler com as crianças, onde se incluem o desenvolvimento da imaginação, da inteligência e da autoconfiança, bem como da capacidade de tomar decisões, pelo facto de a criança ouvir ler e conversar sobre livros; o desenvolvimento do vocabulário e da linguagem, bem como do conhecimento do mundo, pelas imagens, informações e ideias dos livros; o reforço do convívio e dos laços afetivos entre as crianças e os adultos, pois ler em conjunto é divertido.

No âmbito do referido projeto, o PNL também apresenta «5 *Conselhos às famílias*»:

- 1 - *Incluir os livros no dia-a-dia das crianças*
 - 2 - *Tornar a leitura uma actividade divertida*
 - 3 - *Guardar alguns minutos para ler*
 - 4 - *Visitar as Bibliotecas*
 - 5 - *Oferecer livros às crianças*
- (“Famílias - Ler + Escolas,” n.d.)

Um bom leitor é aquele para quem o livro se converte numa excelente e natural fonte de entretenimento. É com esta abordagem lúdica da leitura que a família tem uma forte influência na implementação de hábitos de leitura e predisposição para os livros.

Os momentos de leitura conjunta reforçam os laços afetivos. A implementação de hábitos de leitura é um processo demorado, que se consolida com o tempo.

«*Pero ler no es un ejercicio trivial, ni animar a ler una tarea puntual.*» (Corchete & Iglesias, 2007) Por isso deve-se procurar reservar um tempo e escolher um lugar adequado para ler com as crianças, assim como tornar o tempo da leitura divertido, nunca o tornando em obrigação. A criança deve estar habituada a ver livros em lugares diversos - em casa, em bibliotecas e livrarias - e em suportes diversos. O ambiente familiar deve fazer com que qualquer motivo possa ser bom para ler e a criança deve estar habituada a ver outros elementos da família a ler.

É desejável, senão mesmo imprescindível, que as ações das diversas instituições educativas e culturais (escolas, bibliotecas públicas e outras) relevantes para a implementação de hábitos de leitura na infância sejam coerentes e complementares

entre si com a família. (Corchete & Iglesias, 2007) Percebe-se aqui que o a importância que se pretende que seja dada à leitura pela família, assim como o acompanhamento que se deseja que esta faça, são comuns quer ao PNL, quer à Escola por se entender que a família pode (e deve) ser um grande parceiro na promoção de hábitos de leitura e do sucesso educativo.

Nunca é cedo para se introduzir as histórias na vida da criança. Um bebé pode familiarizar-se com os livros através dos sentidos e das suas imagens, explorando-o com recurso às suas capacidades de manipulação, observação, identificação e interpretação.

Corchete e Iglesias desmentem algumas crenças erradas que persistem sobre a leitura, a saber: os contos populares traumatizam as crianças; só se deve contar histórias a uma criança enquanto esta não tiver aprendido a ler, devendo ela ler por si a partir desse momento; cada livro serve uma idade própria; os nossos filhos devem gostar dos mesmos livros que nós gostámos; a tarefa de contar histórias deve ser deixada a cargo dos profissionais; deve-se contar a história sempre do mesmo modo para não confundir a criança; a internet, os DVD's e a televisão são inimigos da leitura; a banda desenhada é para as crianças pequenas; se a criança gostar de histórias desde pequena, será certamente boa leitora no futuro; deve-se contar histórias todos os dias para que o hábito de leitura se converta num ato natural. É provável que alguma(s) destas afirmações seja(m) considerada(s) facto(s) e é, por isso, importante desfazer estes mitos criados em torno da leitura e da criança. A leitura deve ser um prazer especialmente em família.

2.1. Relacionamento Intergeracional

Cada vez mais nos deparamos com a necessidade e conveniência de estreitar as relações intergeracionais. Para além de, face à atual conjuntura económica, ser cada vez mais frequente depararmo-nos com a simultaneidade de três ou mais gerações num lar, cada vez mais os idosos são também provedores de (por vezes mesmo grande) parte do rendimento da família, afastando-se da categoria de 'dependentes' no agregado familiar.

Apesar do exposto, ser idoso ainda é visto com preconceito e erradamente associado a improdutividade e dependência. Na sociedade atual, valoriza-se o jovem em detrimento do idoso.

Em muitos casos porém, os idosos que são avós têm mesmo um compromisso na criação dos netos, assumindo até, por vezes, a responsabilidade sobre as crianças. Na

pesquisa concretizada por Ruggiano (2011) verificou-se que, em situações onde se privilegiava a ação sobre as crianças, os adultos mais velhos revelaram-se mais apreensivos. Os resultados deste estudo sugerem que as interações intergeracionais, onde os idosos têm a oportunidade de participar de atividades sociais e educativas com crianças não pode ser visto do mesmo modo que os ambientes intergeracionais onde os adultos mais velhos têm de partilhar o mesmo espaço e ambiente social com crianças numa situação contínua.

Atualmente, os pais de filhos adultos acolhem estes últimos novamente, no sentido de os apoiar ou mesmo de os sustentar, regressando a casa dos progenitores, na maioria das vezes, trazendo netos consigo e integrando-os com os avós. Assim, a influência dos avós sobre os netos está a aumentar.

Partindo dos princípios apresentados por Fujiwara (2009), existe um compromisso geracional no qual os indivíduos mais velhos podem contribuir para o crescimento das crianças, quer pela transmissão de conhecimentos, cultura geral e valores, quer pelo facto de lhes poderem dar atenção e serem capazes de tomar conta delas, gerando confiança mútua entre duas gerações intercaladas.

O relacionamento entre avós e netos pode ser bastante proveitoso para ambos: para os netos proporcionando a compreensão das gerações anteriores, bem como alargar o conceito de família e aprender a respeitar os mais velhos; para os mais velhos, os benefícios principais serão a melhor socialização e ocupação do tempo livre, e a atualização de saberes. «O maior o contato entre avó-neto possibilita uma relação mais intensiva entre estes sujeitos.» (Alves, 2013)

Ruggiano (2011) refere que interações temporárias entre os adultos mais velhos e crianças geram resultados positivos para os adultos mais velhos, tais como a melhoria dos efeitos psicossociais, o aumento da sensação de generatividade, o aumento da realização pessoal, e melhores atitudes com crianças.

Alves (2013), no seu estudo, vai ainda mais além, propondo a integração de conteúdos no currículo escolar desde a infância, novas abordagens sobre a imagem da velhice, de modo a afastar as ideias erradas que associam os idosos (e os avós) a incapacidade e descartabilidade.

No que se refere à realização de atividades na Escola e na BE, com a colaboração dos idosos (avós) e dos pais, Pinto (2013) refere que *«quando foram convidados a deslocarem-se à Biblioteca Escolar para desenvolverem atividades com os seus filhos/netos, os pais e avós revelaram entusiasmo e vontade de participar, sugerindo, eles mesmo, algumas atividades que pudessem desenvolver»*. Os pais e avós podem ser bons

parceiros da Biblioteca Escolar e da Escola na motivação das crianças para a leitura, comple(men)tando esta função da Escola.

No projeto de Pinto (2013), cujo objetivo principal se centrou na motivação dos alunos para a leitura, privilegiando-se o relacionamento intergeracional, concluiu-se que, num projeto de promoção da leitura na BE, a família pode ser relevante. A autora sugere a criação (pela RBE) de um projeto de promoção da leitura, envolvendo estas três gerações - avós, pais e filhos/netos.

3. Projeto de voluntariado de leitura

3.1. O voluntariado

A Lei nº 71/98, de 03-11-1998, define as bases do enquadramento jurídico do voluntariado. Nos seus artigos 2º e 3º definem-se respetivamente os conceitos de voluntariado e de voluntário:

Artigo 2º

Voluntariado

1 – Voluntariado é o conjunto de acções de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.

2 – Não são abrangidas pela presente lei as actuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.

Artigo 3º

Voluntário

1 – O voluntário é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.

2 – A qualidade de voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer de relação de trabalho subordinado ou autónomo ou de qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora, sem prejuízo de regimes especiais constantes da lei.

O artigo 7º define os direitos do voluntário e o artigo 8º define os seus deveres.

Trabalho voluntário consiste segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁵, em “trabalho não pago e não compulsivo; que consiste no tempo que os indivíduos [com mais de 15 anos] dedicam a atividades não remuneradas, realizadas através de uma organização ou diretamente, em prol de outros que não pertençam ao seu agregado familiar.” (INE, 2013)

⁵ <http://www.ilo.org/global/lang--en/index.htm>

Segundo o Centro de Informação Europeia Jacques Delors⁶ «*O voluntariado é fundamental para a força, resistência, solidariedade e coesão social da comunidade, é uma demonstração poderosa de como a solidariedade posta em prática pode construir um mundo melhor para todos e onde todos podem contribuir com o seu tempo, conhecimento e energia para a paz, o bem-estar e o desenvolvimento*» (acedido em: 2014-05-30)

No sítio do Eurocid⁷ dispomos de uma apresentação de diversas entidades que oferecem possibilidades de voluntariado em Portugal, tais como: Aldeia de crianças SOS, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Abraço, Banco Alimentar, Amnistia Internacional, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Mais Voluntariado, Menos Solidão, Conselho Português para os Refugiados, Fundação Infantil Ronald McDonald, Oceanário de Lisboa, Acreditar, Associação para a Promoção da Segurança Infantil, Os Nós e os Laços, Liga Portuguesa dos Direitos do Animal, Jardim Zoológico de Lisboa. Outras entidades permitem o exercício da ação de voluntariado a nível nacional e/ou internacional, como as seguintes: ONU - Organização das Nações Unidas, União Zoófila, AMI - Fundação de Assistência Médica Internacional, AFS International, Médicos do Mundo, Paramédicos de Catástrofe Internacional (PCI), Campos de Trabalho Internacionais, Greenpeace, GASTagus, Cruz Vermelha Portuguesa, Serviço Voluntário Europeu, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD), WWF - World Wildlife Fund.

O ano de 2013 comemorou o vigésimo aniversário do Tratado de Maastricht, que determinou o conceito de Cidadania da União Europeia (UE). Em 2012 assinalou-se o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. O Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia, sob proposta da Comissão Europeia através da Decisão n.º 940/2011/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 14 de setembro de 2011 escolheram o ano de 2012 para "Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações" ("Ano Europeu"). Estabeleceu-se uma interligação entre o «Ano Europeu» (2012), o Ano Europeu das Atividades de Voluntariado que Promovam uma Cidadania Ativa (2011) e o anterior Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010). Anteriormente, em 2001 se assinalara o Ano Internacional dos Voluntários, tendo o nosso país aderido a esta proposta mundial apresentada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Foi a partir desta altura, segundo estudos realizados por diversos autores como Gonçalves et al., Hank e Erlinghagen, Hank e Stuck

⁶ http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe_area?p_cot_id=5157&p_est_id=11146

⁷ <http://www.eurocid.pt>

(respetivamente 2006, 2009, 2008, como referidos por Abreu, 2012), que o voluntariado na comunidade ou associado a organizações formais se desenvolveu com mais celeridade.

De acordo com os resultados do Inquérito ao Trabalho Voluntário 2012 divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) a taxa de voluntariado em 2012 foi de 11,5%, ou seja, cerca de 1 milhão e 40 mil pessoas com 15 anos ou mais participou em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário.

Com a melhoria da qualidade de vida e o aumento da longevidade, as atividades de voluntariado podem ser, cada vez mais, uma opção para os adultos idosos se manterem ativos e úteis. As Universidades da 3ª Idade têm incentivado a ação dos idosos nessa direção, como demonstrado por Sousa e Lautert (2008, como apresentado por Abreu, 2012).

Motivações do voluntário

Considerando que o voluntariado beneficia não apenas em termos sociais mas também económicos, interessa compreender as motivações pessoais do indivíduo voluntário.

Segundo o estudo levado a cabo por Houle et al. (2005), o voluntariado assenta na concretização de ações cujos benefícios se encaixam nas próprias motivações do voluntário.

Clary e Stukas (2000, como referido por Houle et al., 2005) mencionam que apesar de diferentes indivíduos serem capazes de realizar as mesmas tarefas, estas servem diferentes funções psicológicas para os diferentes indivíduos.

Numa abordagem funcional do voluntariado, Clary et al. (1998, como mencionado por Houle et al., 2005) apresentam seis funções do voluntariado:

- a função dos valores, que se refere à preocupação com o bem estar dos outros e a contribuição para a sociedade;
- a função de compreensão, que dá a oportunidade de aprender, compreender, praticar e aplicar competências e habilidades;
- a função de carreira, que consiste em aumentar as perspetivas de emprego e de melhorias na carreira profissional;
- a função social, em que, o individuo se voluntaria devido a normas rigorosas ou pressões sociais que enfrenta ou para melhorar o relacionamento com os seus pares;

- a função protetora, cujo objetivo é reduzir sentimentos de culpa por ser mais venturoso que outros ou para se abstrair dos seus próprios problemas;

- a função de estima ou melhoria, em que o voluntário pretende aumentar a sua autoestima, autoconfiança e desenvolvimento pessoal.

Na abordagem funcional, o voluntariado assume uma perspetiva multimotivacional, podendo servir mais do que uma função. Para além disso, o voluntário cujos benefícios vão ao encontro das suas motivações, e em particular aqueles com menores habilitações escolares, sentem-se mais realizados com as suas ações.

De acordo com as conclusões do estudo realizado por Houle et al. (2005) as pessoas diferem no que respeita a que motivações para o voluntariado são as mais importantes para si e também na perceção das ações que melhor satisfarão as suas motivações pessoais. Os voluntários preferem as tarefas que julgam satisfazer os seus mais importantes interesses de voluntariado.

Compreendemos as razões que levam os indivíduos a participar em atividades de voluntariado nas áreas para as quais se sentem mais motivados.

O voluntário da família

González e Jackson (2013) descobriram também que os esforços empreendidos para aumentar o voluntariado derivaram em visíveis melhorias dos resultados de leitura para as escolas de alto nível socioeconómico, mas não para as escolas de baixo nível socioeconómico.

As oportunidades de voluntariado podem variar de escola. Pais com mais recursos podem ser mais capazes de apoiar os professores nas suas tarefas de voluntariado ou podem ter mais tempo livre para responder aos esforços das escolas para envolver os pais no voluntariado.

Por outro lado, os esforços da escola para prestar apoio aos pais foram associados a uma maior aquisição de competências de leitura para alunos de escolas de baixo nível socioeconómico, mas não para os alunos das escolas de alto nível socioeconómico. Os resultados da referida análise mostraram que a quantidade de ações levadas a cabo por parte da família pode minimizar a relação entre o nível socioeconómico e o desempenho na leitura.

Gomes (2004) destaca que as escolas envolvidas no projeto «Faça Parte», levado a cabo no Brasil, reconheceram que a participação da comunidade, em particular da

família, se revelou um grande apoio para que a escola seja um local favorável à aprendizagem e convivência democrática.

O idoso voluntário

Se considerarmos os adultos idosos, que se encontram reformados da fase mais produtiva da sua vida, ainda melhor se entende que se sintam motivados por algumas das razões apresentadas anteriormente por Clary et al., acrescidas da necessidade de se sentirem úteis na sociedade.

Com o preconceito de que, com o fim de uma carreira profissional e com a aposentação, o indivíduo perde utilidade, verifica-se atualmente uma crescente tendência para as pessoas idosas se integrarem em atividades voluntárias, com o objetivo de realizar algo produtivo. Também Abreu (2012) refere que, com o envelhecimento, se verifica uma diminuição das redes sociais o que leva ao aumento da sua necessidade de conviver.

Fujiwara et al. (2009) apresentam um estudo realizado no Japão intitulado REPRINTS (Research of Productivity by Intergenerational Sympathy), em que voluntários seniores se envolveram em um projeto de leitura a crianças durante um período de 18 meses. Este estudo surgiu na sequência da necessidade de se fomentar a participação dos adultos mais velhos em atividade benéficas para a sociedade em geral.

Fujiwara et al. (2009) referem que estudos levados a cabo nos EUA e no Canadá demonstraram que existe uma correlação entre a saúde física e mental dos participantes mais velhos em atividades de voluntariado.

No projeto REPRINTS, para além dos benefícios para as crianças, pela ação do voluntariado dos adultos mais velhos, e da construção de relações intergeracionais, que significam um encorajamento dos voluntários seniores para construir novas relações sociais, reforça-se a ideia da aprendizagem ao longo da vida, em que a atividade voluntária com oportunidades de aprendizagem intensiva melhora as capacidades cognitivas, como demonstrado por Fried et al. (2004, como referido por Fujiwara et al., 2009)

Estudos apresentados por Kawashima et al. (2005, referido por Fujiwara et al., 2009) demonstraram que a leitura em voz alta melhora a função frontal de pessoas com demência. Também a terapia assente em discussão para estimulação cognitiva provou-se útil para manter a memória episódica ou função executiva de pessoas com comprometimento cognitivo leve (Yatomi, 2004, citado por Fujiwara et al., 2009)

Outros benefícios físicos demonstrados pelo estudo de Fujiwara et al. foram melhorias na força de preensão, pelo aumento da frequência de sair de casa e da velocidade da caminhada, bem como a manutenção da força muscular nos braços (pela posição de segurar os livros durante a realização das atividades). Ainda a autopercepção da saúde foi melhorada, assim como o relacionamento com crianças aumentou significativamente (possivelmente devido às visitas regulares às escolas e contacto mais frequente com crianças).

O jovem voluntário

O voluntariado jovem começou a surgir no plano pedagógico, principalmente a partir de 2001 pelo 'Ano Internacional do Voluntariado', tendo-se começado a fomentar os valores cívicos, em particular da solidariedade e do voluntariado.

As ações de voluntariado jovem realizadas a partir da escola permitem aos jovens experienciar, identificar e assimilar valores positivos, para além de ganharem experiência ativa que pode complementar o currículo profissional futuro. O voluntariado tem uma componente educativa para o voluntário, podendo integrar educação escolar, pois desenvolve a responsabilidade e o comprometimento social, como refere Gomes (2004).

No voluntariado jovem, realiza-se uma «construção compartilhada do conhecimento.» (Gomes, 2004). A aprendizagem realiza-se em ambos os sentidos pois o jovem que transmite a informação, que ensina ou que lê, também aprende.

3.2. Os voluntários de leitura

«A investigação e muitas experiências realizadas em diferentes países têm vindo a comprovar que tanto a aprendizagem formal da leitura, como o aprofundamento das competências que a leitura envolve são largamente beneficiadas pelo apoio de voluntários que, lendo em voz alta ou acompanhando o esforço pessoal das crianças, dos jovens e até dos adultos promovem o gosto pelos livros e o prazer de ler.»(“Voluntários da Leitura,” n.d.)

Existem diversos projetos de voluntariado ligados à promoção da leitura (“PNL - Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE,” n.d.) a nível internacional. Aqui apresentamos alguns que considerámos interessantes:

A Associação **Criança Brasil**⁸ foi fundada em 1987 e teve origem na necessidade da comunidade local da Favela do Jardim Panorama ter local apropriado para as crianças permanecerem enquanto os seus familiares trabalhavam. Com o sucesso desta iniciativa, o projeto alargou-se e abriram-se mais 2 centros. Atualmente no total beneficiam quase 600 crianças e adolescentes em diversos pontos do Brasil. A sua missão é a de formar crianças até aos 15 anos, construindo alternativas educativas. A ação destes centros destaca a formação da oralidade e escrita, bem como ao nível da Matemática, das Artes visuais, da Música e do conhecimento de mundo. Privilegia propostas de atividades de promoção da leitura e escrita entre diversas outras.

Também no Brasil, o **Faça Parte - Instituto Brasil Voluntário**⁹ lançou o Programa Jovem Voluntário Escola Solidária, que promoveu atividades de divulgação da ideia de uma educação baseada nos princípios de solidariedade e do voluntariado educativo. Contou com o envolvimento de mais de 10 mil escolas em diversos projetos de voluntariado envolvendo os alunos como voluntários, em atividades diversas, sendo grande parte destas ligadas à promoção da leitura.

Em França encontramos dois projetos ligados ao voluntariado na leitura a funcionar. A plataforma **Bien (!) Lire**¹⁰, iniciada em 2002 e por iniciativa do Ministério da Educação (*Centre National de Documentation Pédagogique*) e que pretende erradicar o *iletrismo no país*. Pretende, com a ajuda de voluntários, ajudar famílias, pais e professores a combater as dificuldades das crianças em falar, ler e compreender, em especial crianças deficientes, hospitalizadas, ou em diferentes situações de risco. Esta plataforma disponibiliza sugestões práticas pedagógicas, de leitura e de escrita, bem como outra documentação de apoio.

O projeto **Lire et Faire Lire**¹¹, que teve o seu início em Brest em 1999, tem como principais objetivos o apoio escolar complementar das crianças por voluntários reformados, bem como a ocupação e motivação social dos segundos. O apoio é feito por voluntários reformados que estimulam o gosto dos mais novos pela leitura, desenvolvendo leituras em voz alta, entre outras atividades semanalmente e durante todo o ano escolar, mediante o pedido das escolas e bibliotecas escolares. Nas escolas

⁸ <http://www.criancabrasil.org.br/>

⁹ <http://www.facaparte.org.br/>

¹⁰ <http://www.cndp.fr/bienlire/>

¹¹ <http://www.lireetfairelire.org/>

envolvidas, os professores e diretores acompanham de perto todo o processo. Os voluntários transmitem às crianças, com idades entre os 6 e os 10 anos, o prazer de ler, com a vantagem de se sentirem mais integrados e ativos.

Na Alemanha a *Akademie für Leseförderung der Stiftung Lesen* (que opera na Biblioteca Gottfried Wilhelm Leibniz), criada em 2004, originou o projeto **Regionale Netzwerke** (Redes Regionais)¹² cujo objetivo é promover a leitura de modo continuado e consolidado, através de atividades dirigidas a crianças e jovens da ‘Baixa Saxónia’, numa rede com carácter regional, envolvendo diversos agentes. Entre as suas principais atividades encontram-se a dinamização de sessões de leitura, discussões sobre leitura, apoio individual a leitores, leitura em voz alta (por voluntários).

Já o *Vorleseclub*¹³ é um projeto que se iniciou em 1988 e que abrange a realização de sessões de leitura para crianças por pais ou outros voluntários, funcionários de escolas e bibliotecas.

O *Reading Bus* (<http://www.readingbus.co.uk/drupal/>) teve o seu começo em 2006 e é um projeto desenvolvido na cidade de Aberdeen, Escócia. Os seus objetivos principais passam por *‘promover o prazer da leitura ao longo da vida; incentivar a aprendizagem das famílias em ambiente não escolar; envolver os pais na aprendizagem dos seus filhos.’* O Reading Bus é um espaço itinerante que possibilita a dinamização de diversas atividades ligadas à leitura e à promoção da leitura, como seja com contadores de histórias, a realização de encontros com escritores ou de sessões de leitura partilhada, a realização de trabalhos sobre livros ou histórias específicas.

Em 1996 iniciou-se, em Inglaterra, o programa *Reading is Fundamental (RU)*¹⁴, seguindo o exemplo do seu homónimo americano, Reading is Fundamental - UK (apresentado de seguida). Para além da ação de promoção e motivação para a leitura, por uma rede de voluntários, dirigida a crianças e jovens com menos de 19 anos, realiza a entrega gratuita de livros às crianças e respetivas famílias. O programa, que é bastante complexo, avalia as iniciativas locais de escolas ou grupos de escolas realizadas pela comunidade através de relatórios anuais.

O *“Canberra Readers and Writers Festival”*¹⁵, decorre anualmente desde 2003 na Austrália, com atividades de leitura (exposições, almoços literários, etc.), levadas a cabo em escolas, livrarias, bibliotecas, etc. e conta com a colaboração de escritores e outros voluntários.

¹² <http://www.alf-hannover.de/>

¹³ <http://www.stiftunglesen.de/>

¹⁴ <http://www.literacytrust.org.uk/>

¹⁵ <http://www.actwriters.org.au/>

Reading is Fundamental (EUA)

Precedente do seu homônimo Inglês, o projeto ***Reading is Fundamental (RIF)***¹⁶ começou nos Estados Unidos da América (EUA) em 1966 sendo um programa de promoção da leitura na infância. O objetivo deste projeto é, por meio da entrega gratuita de livros às crianças e famílias mais desfavorecidas, preparar e motivar as crianças para a leitura. Desde 2005 esta iniciativa dirige-se majoritariamente às crianças até aos 8 anos de idade, através de uma rede de voluntários que existe em cada estado e que abrange todo o território. Estes projetos RIF reúnem três componentes fundamentais para promover a literacia das crianças: *‘a motivação para a leitura; o envolvimento da família e da comunidade (nacional, regional e local); e a escolha dos livros.’*

Também nos EUA encontramos a organização ***Rolling Readers***¹⁷, cujo principal objetivo é o de desenvolver o gosto pela leitura e pelos livros através de exercícios de leitura em voz alta. Esta organização pretende formar leitores para a vida, fornecendo apoio em particular às crianças e famílias desfavorecidas, tanto através da oferta de livros e de outros materiais, como contando com o apoio de um conjunto de voluntários que se disponibilizam a ler diariamente, durante uma hora, em voz alta, nas turmas das crianças até aos 6 anos.

O «***America Reads Challenge***» («Desafio América lê») surgiu em 1996, estabelecendo um compromisso em toda a América, em que decretava que todas as crianças devem saber ler de forma correta e autónoma no final do 3º ano de escolaridade. Este desafio elevou a importância da leitura e da educação nas crianças, contando com cerca de um milhão de voluntários para trabalhar com crianças, no sentido de as ajudar a aprender a ler. (B. A. Wasik, 1997)

Tornou-se imprescindível aferir a qualidade e eficácia dos programas de preparação para tutores na leitura. Neste sentido, Wasik (1997) refere dois estudos realizados no sentido de avaliar a eficácia de dois programas de voluntariado de tutoria na leitura aplicados em crianças na América e, apesar de se ter verificado uma relação entre as ações realizadas e os benefícios na aprendizagem, os dados obtidos não foram suficientes para provar a sua eficiência.

No estudo realizado, Wasik verificou que a existência de um coordenador designado que saiba sobre leitura e instrução de leitura parece ser uma componente importante num programa de voluntariado de tutoria, permitindo orientar o processo e

¹⁶ <http://www.rif.org/>

¹⁷ <http://www.rollingreaders.org/>

os voluntários de forma correta. Também o treino dos voluntários foi um elemento consistente nos programas analisados por Wasik. (1997)

Segundo Wasik, (1998) embora os voluntários nunca possam substituir professores certificados, eles podem fornecer um serviço necessário, ser forem utilizados de forma eficaz. Apesar de um voluntário poder simplesmente ler com as crianças de vez em quando, isso por si só é pouco provável que faça uma diferença notória no desempenho na leitura das crianças. Para ter um impacto importante nas habilidades de leitura dos alunos em risco, o voluntário precisa de um programa de tutoria estruturado e bem desenvolvido, bem como formação de qualidade e supervisão.

Infelizmente é um facto que as escolas com mais necessidade de voluntários, em particular aquelas com maior índice de pobreza, são aquelas com menos probabilidade de os ter.

Para o «*America Reads Challenge*»¹⁸ foi proposta legislação no sentido de qualquer programa de voluntariado na leitura: usar voluntários qualificados e treinados; desenvolver a sua atividade em áreas com elevado número de alunos provenientes de famílias com baixos rendimentos ou com necessidades de apoio na leitura; apoiar os programas de leitura escolares; envolver os pais no processo de leitura. Porém não foi clarificada a forma de se aplicarem estas recomendações.

Wasik (1998) refere quatro programas de tutoria (*Reading Recovery*, *Success for All*, o *Howard Street Tutoring Program* e *Book Buddies*) que partilham sete das oito componentes que parecem ser essenciais para um efetivo programa de tutoria. (A oitava provém de factos do programa *Success for All*):

1. Um especialista em leitura certificado precisa de supervisionar os tutores.
2. Os tutores precisam de treino e feedback contínuo.
3. As sessões de tutoria devem ser estruturadas e conterem elementos básicos.
4. A tutoria deve ser intensiva e consistente.
5. Devem ser disponibilizados materiais de qualidade para facilitar o modelo de tutoria.
6. A avaliação dos alunos precisa estar em funcionamento.
7. As escolas precisam encontrar maneiras de garantir que os tutores participem regularmente.
8. A tutoria precisa ser coordenada com o trabalho de sala de aula.

¹⁸ <http://americareads.as.ucsb.edu/>

Wasik (1998) concluiu que as escolas devem comprometer-se ética e financeiramente, de forma a se certificarem que os tutores sejam devidamente formados e competentes. Voluntários sem treino podem desencorajar as crianças a ler, causando danos pela sua inexperiência. No entanto, com a devida estrutura e o apoio necessário, os programas de voluntariado podem resultar em benefícios na vida de crianças em risco.

Em Portugal conhecemos dois programas de voluntariado ligados à promoção da leitura:

O «**Dia do Gil**», promovido pela Fundação do Gil, dirige-se a crianças internadas em centros hospitalares em Portugal. Consiste em dinamizar, semanalmente uma das seguintes ações: ‘Hora do Conto’, ‘Hora da Música’ ou ‘Hora da Descoberta’. A ‘Hora do Conto’, que se iniciou em 2001 e conta com a colaboração de contadores de histórias profissionais e outros voluntários, tem como principais objetivos «*sensibilizar as crianças hospitalizadas para a importância do livro e da leitura*»¹⁹

3.2.1. O projeto Voluntários de Leitura

O projeto Voluntários da Leitura, desenvolvido pelo Centro de Investigação para Tecnologias Interativas²⁰ pretende promover a leitura através do voluntariado a nível nacional. Para tal, dispõe de uma plataforma que permite que qualquer indivíduo se possa inscrever no projeto como voluntário, para além das escolas, bibliotecas ou outras instituições que queiram aderir.

Este projeto assenta também nos pressupostos apresentados por Wasik de que se deve privilegiar o trabalho de voluntariado de leitura como apoio à atividade das escolas, bibliotecas e famílias, em particular que apresentem condições menos favoráveis para fornecer acompanhamento individualizado no que respeita à leitura.

Os seus principais objetivos são apresentados no sítio <http://www.voluntariosdaleitura.org/>:

- *Sensibilizar as instituições promotoras de leitura para as vantagens de se abrirem para o acolhimento de voluntários;*

¹⁹ <http://www.fundacaodogil.pt/projectos.aspx?tabPanel=2>

²⁰ CITI – Universidade Nova de Lisboa (<http://www.citi.pt/>) em parceria com a AVL – Associação para o Voluntariado de Leitura (<http://www.voluntariosdaleitura.org/>)

- *Apoiar iniciativas de escolas, bibliotecas e outras organizações na captação, no enquadramento de voluntários de leitura e na divulgação das atividades realizadas junto da sua comunidade;*
- *Sensibilizar a sociedade civil para o valor social do voluntariado de leitura e estimular a adesão de voluntários através de uma plataforma digital que facilite inscrições e funcione como instrumento congregador entre voluntários e profissionais;*
- *Disponibilizar informação e apoio técnico e científico sobre o valor e a prática do voluntariado de leitura;*
- *Assegurar recursos de formação a voluntários, bem como a responsáveis pela gestão de programas de voluntariado;*
- *Realizar investigação sobre o impacto das ações de voluntariado no desenvolvimento da literacia e na consolidação dos hábitos de leitura de crianças e jovens.*

Este projeto disponibiliza toda a informação, recursos diversos e formação para voluntários, bibliotecários e outros envolvidos.

A formação, os questionários, que permitem fazer avaliações /balanços do projeto, a disponibilização de materiais, os parceiros envolvidos e o recurso a formulário de inscrição de todos os envolvidos - voluntários e escola - com cooperação e envolvimento da Biblioteca Escolar, do Professor Bibliotecário e do Diretor do Agrupamento são algumas das mais-valias deste projeto.

II. Contextualização

Este capítulo visa caracterizar o contexto e o “objeto” de estudo deste trabalho de pesquisa, de modo a que se tenha informação que permita compreender de forma contextualizada o processo e os resultados.

1. Meio Envolverte

Enquadramento Geográfico e Caracterização Demográfica

O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã situa-se no concelho da Covilhã, localizando-se alguns estabelecimentos de ensino na Covilhã-Cidade e os restantes, em outras freguesias do concelho.

O Concelho da Covilhã é habitado por cerca de 60.000 habitantes e é constituído por 31 freguesias. O centro urbano congrega as freguesias da Conceição, Santa Maria, São Martinho, São Pedro, Boidobra, Vila do Carvalho, Teixoso e Cantar Galo. Um núcleo urbano que com cerca de 32.000 habitantes, ou seja, mais de 50% da população do concelho.

A Covilhã

A cidade da Covilhã situa-se na vertente oriental da Serra da Estrela, a cerca de 700 metros de altitude, sendo atravessada por duas ribeiras cujo historial está intimamente ligado à indústria de lanifícios: a ribeira da Goldra e a ribeira da Carpinteira.

Importa sublinhar que, enquanto a população residente na Covilhã-Cidade se manteve estacionária, o mesmo não se verificou em algumas freguesias do concelho, cuja população registou significativo crescimento: Tortosendo, Teixoso e Boidobra são os casos mais salientes.

Caracterização Sócio - Económica

Tradicionalmente um concelho de forte implantação da Indústria Têxtil de Lanifícios, a Covilhã tem vindo a dar sinais evidentes, nos últimos anos ou mesmo décadas, de se encontrar em transição de um sistema económico baseado na mono-indústria para uma economia baseada no setor terciário de comércio e serviços.

De qualquer modo, o setor primário e em particular a agricultura tem ainda um peso considerável na economia do concelho, apesar das transformações estruturais a que tem vindo a ser sujeito. Importa sublinhar o peso que o desemprego assume, presentemente, na população, em especial da residente na área urbana do concelho e que afeta sobretudo o setor industrial. Esta realidade, como é óbvio, traduz-se em inúmeros e graves problemas sociais com, entre outros, reflexos de vária ordem na vida escolar diária de muitos dos nossos alunos. O Agrupamento em geral e cada estabelecimento de ensino, em particular, estão atentos a este fenómeno e aos seus efeitos, agindo de forma consciente e deliberada com outras estruturas e serviços da comunidade, nomeadamente na prevenção de fenómenos como a exclusão social, o trabalho infantil, o abandono escolar, problemas alimentares e problemas familiares.

Sistema de Educação, Ensino e Formação Profissional e Tecnológica

O sistema de educação e de ensino do concelho da Covilhã (no que respeita à sua componente pública) é composto por: Rede Concelhia de Jardins de Infância; Rede Escolar do Ensino Básico - 1º Ciclo; Rede Escolar do Ensino Básico - 2º e 3º Ciclos; Rede Escolar do Ensino Secundário; Ensino Superior Universitário - UBI; Escolas Profissionais; Escolas Tecnológicas; Centros de Formação.

2. O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã

O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã teve o seu início como Escola Básica Pêro da Covilhã, criada em 1968, como escola de 2º ciclo.

A escolha do seu patrono teve em consideração as sugestões das autoridades locais. Pêro da Covilhã foi um emissário do Rei D. João II encarregado de, por terra, fazer o reconhecimento das costas do Médio Oriente, tendo enviado a D. João II relatórios sobre a navegação nas costas do Índico, contribuindo deste modo para o sucesso da viagem de Vasco da Gama, em 1498, até Calecut, na Índia. Sofala, Goa e Ormuz são algumas das terras que explorou e viveu na Etiópia até ao fim da vida.

Caracterização, Escolas e população escolar

O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã foi constituído no ano letivo de 2003/2004, ano da sua instalação. Tendo em conta a localização dos estabelecimentos do Agrupamento e os dados populacionais do Censo de 2001, o Agrupamento de Escolas

Pêro da Covilhã serve uma população residente de cerca de 20 860 pessoas e 9 069 famílias.

A Escola Básica Pêro da Covilhã, sede do Agrupamento (AEPC) fica localizada na freguesia de St. Maria, concelho da Covilhã. Nesta existem 4 turmas de 4º ano, totalizando 92 alunos de 1º ciclo na escola sede, 11 turmas de 5º ano, com um total de 268 alunos; 10 turmas de 6º ano, com 228 alunos no total. Na escola sede encontram-se cerca de 588 alunos no total.

O Agrupamento é ainda constituído pelos seguintes estabelecimentos e número de alunos por ano de escolaridade:

- Jardim de Infância do Rodrigo (51 alunos)
- Jardim de Infância de Peraboa (6 alunos)
- JI/EB de S. Silvestre (JI - 25 alunos; 1º ano - 26 alunos; 2º ano - 26 alunos; 3º ano - 34 alunos; 4º ano - 36 alunos)
- EB do Rodrigo (1º ano - 62 alunos; 2º ano - 57 alunos; 3º ano - 48 alunos)
- JI/EB do Refúgio (JI - 26 alunos; 1º ano - 45 alunos; 2º ano - 17 alunos; 3º ano - 27 alunos)
- JI/EB de Santo António (JI - 24 alunos; 1º ano - 30 alunos; 2º ano - 28 alunos; 3º ano - 24 alunos; 4º ano - 22 alunos)
- JI/EB A Lã e a Neve (JI - 17 alunos; 1º ano - 10 alunos; 2º ano - 12 alunos; 3º ano - 13 alunos; 4º ano - 10 alunos)
- JI/EB da Boidobra (JI - 17 alunos; 1º ano - 9 alunos; 2º ano - 20 alunos; 3º ano - 8 alunos; 4º ano - 9 alunos)
- EB Jardim, Ferro (1º ano - 7 alunos; 2º ano - 8 alunos; 3º ano - 13 alunos; 4º ano - 10 alunos)
- EB D. Mª Amália de Vasconcelos, Peraboa (1º ano - 7 alunos; 2º ano - 11 alunos; 3º ano - 6 alunos; 4º ano - 12 alunos)

O número de alunos com Necessidades Educativas Especiais ou dificuldades de aprendizagem ronda os 315 em todo o Agrupamento. O corpo docente e outro pessoal técnico - educativo em serviço no Agrupamento, no ano letivo de 2013/2014, é de cerca de 137. Todas as escolas do Agrupamento têm uma Associação de Pais e Encarregados de Educação ou Comissão de Pais.

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, as características sociológicas do Agrupamento são, quanto à localização dos estabelecimentos que o integram e quanto à área de residência dos alunos, é caracteristicamente urbano e, relativamente

ao perfil socioeconómico das famílias, predominam o sector do Comércio e Serviços, o Operariado e as Profissões Liberais.

No que concerne às características socioculturais, e com base nas habilitações académicas dos pais dos alunos, traçou-se o seguinte perfil sociocultural das famílias (dados obtidos nos Serviços Administrativos do AEPC para o PE 2009-2013): 1.º Ciclo do Ensino Básico 6,41%; 2.º Ciclo do Ensino Básico 15,11%; 3.º Ciclo do Ensino Básico 18,78%; Ensino Secundário ou frequência 23,93%; Ensino Superior ou frequência 25,42%; Outras 10,34%.

Urbano/Rural

De acordo com os dados recolhidos pelo Contrato de Autonomia (proposto pela Direção Executiva para os anos letivos 2013-14 e 2015-16) e se considerarmos como área urbana as quatro freguesias da Covilhã-Cidade: Santa Maria, São Pedro, São Martinho e Conceição - e como área rural as restantes freguesias, o Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã é frequentado por uma população maioritariamente urbana. Efetivamente, considerando o Agrupamento total, a grande maioria dos alunos reside nas freguesias da cidade, contra cerca de 30% que reside no meio rural. No que concerne, por outro lado, à escola do 2º Ciclo, são cerca de 65% os alunos oriundos do meio urbano e cerca de 35% os oriundos do meio rural.

Situação Educativa

Os pontos fracos identificados no Projeto Educativo 2009-2013 para serem superados, destacam-se a melhoria da qualidade do sucesso e o envolvimento e responsabilidade dos pais/encarregados de educação no processo educativo dos educandos.

3. As Bibliotecas do Agrupamento

O Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã integra 5 Bibliotecas Escolares que servem a diversas escolas do Agrupamento:

- A BECRE da Escola Pêro da Covilhã, que serve os cerca de 590 alunos e 87 docentes;
- A BECRE da Escola do Rodrigo, que serve os cerca de 218 alunos e 9 docentes;
- A BECRE da Escola do Refúgio, que serve os cerca de 115 alunos e 5 docentes;

- A BECRE da Escola de Santo António, que serve os cerca de 128 alunos e 5 docentes;
- A BECRE da Escola de São Silvestre, que serve os cerca de 147 alunos e 6 docentes;

4. Contributo para o Agrupamento

O Plano Anual de Atividades

Relativamente ao Plano Anual de Atividades (PAA) do Agrupamento 2013-2014, elaborado em Conselho Pedagógico pelos coordenadores dos diferentes departamentos e estruturas, ouvidos os elementos que constituem cada um, foram planificadas as atividades a realizar nas diversas escolas. De entre as finalidades definidas para as atividades a desenvolver destacamos aqui as que este projeto pode contribuir:

- Ø Promover os Valores da Solidariedade, da Convivência e da Paz;
- Ø Sensibilizar a comunidade educativa para o problema da Educação;
- Ø Estimular as relações Escola - Meio;
- Ø Criar hábitos de leitura;
- Ø Estimular a criatividade e a sensibilidade estética.

Alguns objetivos específicos e respetivas atividades levadas a cabo pelo Agrupamento para os atingir, que se encontram ligadas ao projeto que nos propomos desenvolver são:

- Alcançar elevados índices de sucesso na aprendizagem da Língua Portuguesa: Construir um livro com textos dos alunos (poesia ou prosa);
- Educar para os valores da convivência e do diálogo: Assinalar festividades e dias especiais, para a comunidade educativa e para os objetivos do PE; Recolher livros usados para trocar entre os alunos;
- Promover a participação de todos os membros da Comunidade Educativa na vida da Escola: Receção aos alunos pais e encarregados de educação;
- Promover a formação integral do aluno desenvolvendo o sentido de responsabilidade e a capacidade de se relacionar afetivamente com outras pessoas; Promover a participação de todos os membros da Comunidade Educativa na vida da Escola e do Agrupamento: Dia internacional da música, Dia Internacional das bibliotecas, Dia internacional da pessoa com deficiência, Dia do Patrono, Dia mundial da criança (1 de Junho);

- Desenvolver a capacidade de "Aprender a aprender" e de "aprender a pensar": Dia mundial da poesia, final do concurso de elaboração e declamação de poemas, semana da leitura, 'hora do conto', atividades diversas relacionadas com a leitura;
- Alcançar elevados índices de sucesso na aprendizagem do português: Viajar com os livros, participação no Projeto "Baú da Biblioteca" Municipal da Covilhã (BMC);
- Promoção do sucesso educativo: Concurso de leitura, Concurso de escrita, *Reading Contest*;
- Reconhecer a importância da BE na Educação: Dia Nacional da BE;
- Incentivar a leitura: Escritor do mês;
- Enriquecer o contacto com livros e autores: Feiras do Livro e de Autores;
- Incentivar a qualidade do sucesso: Concursos e leitura, escrita e ortografia;
- Reforçar as relações na comunidade educativa: Semana da Leitura.

A Avaliação da Biblioteca Escolar 2013/2014

O Plano de Melhoria elaborado no âmbito do processo de avaliação da BE 2013/2014, nomeadamente no que se refere ao domínio B. Leitura e Literacias, propõe como ações para melhoria: Implementação de um projeto de leitura - história cibernética, indo ao encontro da temática do ano 2014, o Ano Internacional da Agricultura Familiar", estabelecendo ligação aos pressupostos veiculados pela OIKOS²¹, procurando envolver todas as turmas e docentes; Hora do conto, disponibilizada a todos os alunos do 1º ciclo; Projetos do PNL: A Ler+, Literatura vai e vem..., Amostras a Ler+, Quanto mais livros melhor; Feira do livro e Feiras de Autor; Envolvimento dos Encarregados de Educação, pois há uma grande percentagem que se desloca raramente ou nunca à escola para participação nas atividades organizadas pela BE; Realização de um *bibliopaper* no espaço da BECRE e nos espaços das BE do 1º ciclo; Atividades de formação de utilizadores; A BE pretende reunir com os alunos turma a turma de forma a fazer um diagnóstico das necessidades sentidas no âmbito da leitura e da literacia. As propostas de melhoria a realizar têm como prazo de concretização o final do mês de junho de 2014.

O relatório de avaliação da Biblioteca Escolar 2012/2013 integra as seguintes recomendações do Conselho Pedagógico para os pontos fracos detetados nesse ano letivo para serem tidas em conta no plano de melhoria do ano letivo 2013/2014: *A BE deve desenvolver um trabalho sistemático de promoção da leitura com todas as turmas*

²¹ <http://www.oikos.pt/>

do Agrupamento; A BE deve desenvolver estratégias e um leque muito diversificado de atividades em articulação com mais de 90% dos docentes e com o exterior; A BE deve apoiar e incentivar o desenvolvimento do PNL e/ou de outros projetos e atividades na escola/ agrupamento, desenvolvendo trabalho com mais de 90% das turmas do agrupamento.

III. Enquadramento Metodológico

Começou-se por definir a questão de investigação ‘Qual o papel do voluntariado da leitura na promoção da leitura no âmbito da biblioteca escolar?’. Para a investigação desta questão, e por forma a viabilizar um trabalho sistemático de recolha e análise de dados, construiu-se um modelo de análise, de acordo com os princípios da sua elaboração e as características definidas por Quivy e Campenhoudt (2005).

Sendo o objeto de investigação o voluntariado da leitura, no seu papel para a promoção da leitura, entendemos que a questão de partida se deve desdobrar nas variantes: ‘Qual a perceção dos voluntários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’; ‘Qual a perceção das crianças no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’ e ‘Qual a perceção dos professores bibliotecários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’

De seguida começámos por explorar/conhecer o tema que queríamos estudar. Refletimos sobre a pergunta de partida, nomeadamente sobre quais os temas que esta procura investigar.

Começou-se por realizar um levantamento bibliográfico que permitisse ter uma visão global da complexidade do tema; realizou-se uma seleção de textos/estudos que, além de descrições, apresentassem análises úteis para este projeto e escolhemos textos com diferentes perspetivas do assunto a estudar; refletimos sobre os textos lidos, interpondo fases de leitura com fases de reflexão.

Depois de exploradas as ideias principais, foram comparados textos sobre os mesmos assuntos, com vista a apresentar diferentes pontos de vista e clarificar os conteúdos.

Optou-se por não realizar entrevistas exploratórias.

Após a realização das leituras, procedeu-se à exploração das informações recolhidas: Enumeraram-se as posições e perspetivas encontradas para o estudo do tema, identificaram-se das particulares de cada uma, sintetizaram-se aspetos semelhantes e/ou distintos e identificaram-se as diferentes problemáticas possíveis.

Após preparada a problemática, reanalísámos a pergunta de partida e procedemos a uma análise mais detalhada dos conceitos e relações para passar à etapa 4, de acordo com o proposto por Quivy e Campenhoudt (2005)

Considerando a pergunta central - **Qual o papel do voluntariado (da leitura) na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar?** - definiu-se o seguinte conceito: Voluntariado da leitura na promoção da leitura. Para tal definiram-se as dimensões, conceitos e indicadores constantes na seguinte tabela:

Tabela 1:

Dimensões:	Componentes:	Indicadores:
A - perceção dos voluntários	Benefícios para os alunos	Impacto nas atividades nos alunos Nº de alunos abrangidos Tipos (diversificação) de leituras
	Benefícios para os voluntários	Integração / envolvimento no processo de promoção da leitura Relacionamento com outras gerações Acolhimento pela escola /sentido de cooperação e voluntariado
B - perceção dos PBs	Benefícios para a instituição (importância do envolvimento da BE)	
	Benefícios para os alunos	Competências leitoras Gosto pela leitura Impacto da atividade nos alunos Dinâmica da leitura na BE/escola Dinâmica da leitura na família Relação com a comunidade extraescolar
C - perceção dos alunos	Gosto pela leitura / autoconfiança Dinâmica da leitura na BE/escola Dinâmica da leitura na família Competências leitoras Relação com diferentes gerações e realidades diversas	

Considerou-se ainda oportuna a definição de outro conceito - Dinâmica da leitura global pela ação do projeto de voluntariado da leitura, que consistiu numa grelha de observação a aplicar.

Tabela 2:

Dimensões:	Indicadores:
Motivação para a leitura	Nº de leituras
Voluntariado da leitura	Gosto pelas atividades (nível de satisfação)
Competências leitoras	Diversificação de leituras
Envolvimento da família	Nº de leituras em casa /fora da escola

1. Descrição e justificação dos instrumentos de recolha de dados

Com o modelo de análise escolhido pretendeu-se analisar o papel do voluntariado da leitura para a promoção da leitura no âmbito da BE nas perspetivas: A - dos voluntários, B- das Professoras Bibliotecárias e C - dos alunos.

Para a análise da perceção dos voluntários interessa-nos distinguir duas componentes - a dos benefícios da atividade para os alunos e a componente das vantagens para os voluntários. Na componente dos alunos, queremos saber se o voluntário considera que a atividade foi do agrado dos alunos, se todos os alunos beneficiaram de igual forma e se os alunos apreciaram o tipo de leitura realizada pelo voluntário; Na componente dos voluntários, interessa-nos perceber o seu envolvimento no processo de promoção da leitura, se encontrou vantagens no relacionamento com as crianças e se o voluntário se considerou bem recebido pela Escola e se considerou que cooperou com os objetivos gerais da promoção da leitura.

Para a dimensão da Professora Bibliotecária, os indicadores definidos foram: a importância do envolvimento da Biblioteca Escolar nesta atividade de promoção da leitura (no que respeita aos benefícios para a Instituição) e na componente dos benefícios para os alunos nós pretendíamos saber se a atividade de voluntariado da leitura melhora as competências leitoras dos alunos, bem como o gosto pela leitura. Também nos interessava perceber que impacto o conjunto das atividades realizadas teve nos alunos envolvidos e se o projeto de voluntariado da leitura alterou a dinâmica da leitura na BE e na família. Outro indicador que considerámos importante e que se prende também com as metas do Projeto Educativo e da proposta do Contrato de Autonomia vigente no Agrupamento refere-se à relação com a comunidade.

Na dimensão dos alunos e da sua perceção da atividade quisemos perceber se as atividades desenvolveram o gosto pela leitura, as suas competências de leitura, se o projeto de voluntariado da leitura alterou a dinâmica da leitura na BE, na escola e na família e se os alunos gostaram de se relacionar com outras gerações e realidades.

Ainda relativamente aos alunos decidiu-se definir outro conceito, aplicando para o efeito outro modelo de análise. Pela observação direta, em vários momentos, este complementar a recolha de dados relativamente ao público-alvo deste projeto. O modelo de análise apresentado na tabela 2 resultará no guião para uma grelha de observação. O conceito a definir por este instrumento centra-se na Dinâmica da leitura global pela influência do projeto de voluntariado da leitura e para tal, os indicadores a considerar refletem: a dimensão da motivação para a leitura, pelo número de leituras

realizadas; o voluntariado de leitura, pela percepção do nível de satisfação dos alunos pela atividade, a dimensão das competências leitoras, pela diversificação de leituras realizadas, e o envolvimento das famílias, pelo número de leituras realizadas fora da escola e em casa.

2. Metodologia de recolha de dados

Refletiu-se sobre a conveniência de serem aplicados instrumentos de recolha de dados à direção do Agrupamento, aos Encarregados de Educação e aos professores titulares das turmas envolvidas. Solicitou-se a autorização para a aplicação de inquéritos ao Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE) relativo à Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME)²². O projeto foi apresentado previamente: à direção do Agrupamento, com o qual passámos, desde logo, a contar com o total apoio; aos Encarregados de Educação, que foram inclusivamente convidados a integrar este projeto - os que aceitaram são alguns dos voluntários deste estudo; aos professores titulares, que colaboraram no estabelecimento de alguns contactos com os E.E.

Considerando que o público-alvo deste projeto são os alunos e que os intervenientes de forma direta são os voluntários e a Biblioteca Escolar (representada pelas PB), optámos por dirigir os referidos instrumentos apenas a estes.

Para a definição da amostra foram definidos os critérios considerados relevantes para a seleção dos sujeitos a inquirir, a saber:

- no caso dos voluntários - todos os participantes voluntários, independentemente da sua relação com os alunos - deixando em aberto a possibilidade de análise comparativa entre os diversos tipos de voluntários;
- no caso das Professoras Bibliotecárias - a PB que não é investigadora neste estudo (uma vez que são apenas duas, sendo uma a investigadora) e que é a coordenadora da Biblioteca Escolar do Agrupamento - para se obter uma interpretação e abordagem mais extrínseca ao estudo;
- no caso dos alunos - todos os alunos de 3º e 4º anos das turmas em que se verifique a atividade de leitura por um ou mais voluntários - por serem os mais capazes de responder de forma mais autónoma aos questionários. Perante a dificuldade em se observar a totalidade dos alunos de 3º e 4º anos do Agrupamento, decidimos incidir o estudo a uma parcela da população alvo que serviu de amostra. Assim, o estudo incidiu sobre os alunos de 3º e 4º anos de escolaridade das 4 escolas com BE, excluindo os alunos deste nível de escolaridade da escola sede e das 4 escolas sem BE, constituindo um total máximo de 191 alunos (de um universo de 364 alunos de 3º e 4º anos).

²² <http://mime.gepe.min-edu.pt/>

A professora bibliotecária que realizou atividades periódicas ao longo do ano letivo é a observadora.

A metodologia de estudo de caso integra uma teoria que serve de base à investigação a que nos propomos neste estudo, pois «o estudo de caso permite uma investigação para preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real(...)» (Yin, 2006)

A investigação quantitativa centra-se em amostras maiores, selecionadas através de métodos aleatórios enquanto a investigação qualitativa incide em amostras menores.

Na investigação qualitativa a realidade é interpretada e construída e procura a lógica da construção do conhecimento, como defende Stake (2009).

Segundo Yin (2006), o estudo de caso permite que se estude não apenas um fenómeno, mas também o seu contexto. Segundo o referido pelo mesmo autor, a orientação inicial do estudo deste caso a que nos propomos, aponta para diversas fontes de evidência, nomeadamente inquéritos por questionário e por entrevista e grelhas de observação.

Existem duas categorias no que respeita à recolha de dados: observação direta e indireta.

Observação direta - quando não implicam a intervenção do sujeito, isto é, a informação pode ser recolhida apenas através da observação de determinada situação, sem qualquer intervenção do sujeito. Neste caso recorreu-se, a grelhas de observação, onde se anotaram dados observados em situação de leitura com os voluntários e os alunos (de tipo não participante);

Observação indireta - quando é necessária a mediação do sujeito para a obtenção da informação. No caso deste trabalho, aplicou-se com as professoras bibliotecárias, os voluntários e os alunos (amostra), pelos inquéritos (por questionário e por entrevista).

Com o objetivo de se obter informação suficiente e pertinente, optou-se por aplicar os inquéritos por questionários a alunos e voluntários, para permitir a obtenção de informação mais fiável.

Apesar do questionário não ser uma técnica comumente usada na investigação qualitativa, este pode ser de grande utilidade para a investigação qualitativa, segundo Meirinhos (2010)

O inquérito por questionário apresenta vantagens: ser adequado para quando é necessário obter dados junto de um número elevado de indivíduos, possibilitar quantificar um grande número de dados e de estabelecer relações dos mesmos, permitir obter dados junto de uma amostra representativa da população e o facto de, como

instrumentos, apenas serem necessários papel e lápis (no caso de ser escrito). Os seus limites são essencialmente o risco de superficialidade das respostas e a possível pouca credibilidade das respostas.

No caso da professora bibliotecária, decidiu-se também pelo inquérito por entrevista, por este ser «um óptimo instrumento para captar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade.» (Meirinhos, 2010, p. 62)

Optou-se por uma entrevista semiestruturada. A vantagem principal deste instrumento é o facto de ser usada uma técnica interativa, oral. O inquérito por entrevista é indicado para a análise das experiências e interpretações dos sujeitos, a análise de um problema específico, com alguma profundidade. Os inconvenientes deste instrumento prendem-se em particular com o facto de ser influenciado pela interação e comunicação humana.

Também decidimos aplicar grelhas de observação durante as sessões de leitura com os voluntários. As suas mais-valias são o facto de o observador aqui ser não participante, basear-se na observação visual dos comportamentos no momento em que acontecem e ser este instrumento útil para analisar comportamentos no meio onde acontecem. A sua desvantagem poderá ser a necessidade de um registo posterior.

3. Explicitação dos procedimentos de aplicação dos instrumentos de recolha de dados

Foram definidos os procedimentos de aplicação dos instrumentos, isto é, os parâmetros da etapa correspondente à observação. No ponto anterior apresentámos o que se pretendia observar, ou seja, o modelo de análise e o universo que se pretendeu abranger na observação, apresenta-se de seguida o modo como foram aplicados os referidos instrumentos.

As estratégias de recolha de informação utilizadas foram aplicadas por modo indireto e direto. No primeiro grupo, inquéritos por entrevista à Professora Bibliotecária coordenadora²³ e inquéritos por questionário aos alunos de 3º e 4º anos abrangidos pelo estudo²⁴ bem como aos voluntários²⁵ que irão realizar as leituras. Por modo direto, de forma participante mas não percebida pelo observado, foram utilizadas grelhas de observação²⁶ como instrumentos de registo.

Relativamente aos inquéritos por entrevista a realizar, foi adotada a técnica interativa, pois pretendia-se possibilitar o aprofundamento ou análise de algumas questões, consoante as respostas dadas pela inquirida.

O guião da entrevista é quase totalmente diretivo. Porém, quase todas as questões são semiabertas, o que permitiu algum desenvolvimento por parte da coordenadora, pois pretendia-se que refletisse, apresentasse propostas ou opiniões sobre as questões apresentadas.

A entrevista foi aplicada à professora coordenadora da Biblioteca, de forma individual, procurando que se promovesse a reflexão e cuidado nas respostas dadas.

Nos inquéritos por questionário a aplicar a voluntários e alunos procurou-se que contivessem um número reduzido de questões, não ambíguas, evitando-se questões íntimas desnecessárias (na idade optou-se por estabelecer escalões, que são importantes para estabelecer a relação do voluntariado com a geração e idade dos intervenientes); Assegurou-se a confidencialidade dos dados e o anonimato; O questionário foi redigido sem erros, sendo as questões adaptadas aos inquiridos e tendo-se procurado não usar termos técnicos; Cada questão contém as instruções necessárias, evitando-se o uso de muitas escalas de resposta diferentes e não condicionando as

²³ Anexo 1

²⁴ Anexo 2

²⁵ Anexo 3

²⁶ Anexo 4

respostas à partida; Enquadraram-se as perguntas «complicadas» no final do questionário e no início fez-se uma apresentação geral do tema e apresentou-se (no caso do questionário aos voluntários) uma estimativa do tempo de preenchimento.

No que respeita aos inquéritos por questionário a aplicar aos voluntários, estes apenas integram questões fechadas, em que a resposta é enquadrada em um ou mais itens apresentados. Algumas das questões (2.1., 2.2., 2.3., 3.1., 3.2.) segundo uma escala de tipo Likert, em que se apresentam afirmações com as quais o respondente tem que escolher a posição que mais reflete a sua opinião. O preenchimento do questionário pelos voluntários demora um máximo de 5 minutos e tenciona-se que seja realizado no final da atividade.

Os questionários a usar para os alunos são apenas constituídos por questões fechadas, apresentando-se sempre opções de resposta. As questões foram adaptadas ao nível etário destes alunos de 3º e 4º anos de escolaridade, tendo-se procurado evitar a utilização de termos técnicos e tendo o cuidado de fornecer instruções claras e precisas. Limitou-se o número de questões ao estritamente necessário, evitando questões desnecessárias. A questão número um serve de controlo.

Quanto à grelha de observação direta, foram igualmente definidos os indicadores concretos a observar. Este instrumento permitiu que as informações fossem obtidas pela observação dos comportamentos no momento em que estes se concretizassem e no lugar onde se verificassem. Este instrumento foi aplicado pela professora bibliotecária, que assistiu às sessões. Isto forneceu uma informação mais real e objetiva após a análise dos dados obtidos pelas diferentes observações.

O momento de aplicação da grelha de observação foi sempre que se realizou qualquer sessão de leitura por voluntários, repetindo-se a sua aplicação tantas vezes quantos os trabalhos que foram realizados. Refira-se ainda que nem sempre foi possível observar todas as dimensões em cada sessão realizada.

Estes instrumentos foram testados previamente num grupo de alunos e voluntários, alheios ao grupo alvo deste projeto, mas cujas características se assemelhassem às do grupo cujos comportamentos se pretendiam analisar nesta fase de investigação, por forma a que se realizassem eventuais ajustes.

IV. Análise e Interpretação dos Resultados

O objetivo principal da análise de dados é o de responder à pergunta de partida, considerando os dois tipos de análise de dados, análise quantitativa (estatística) e análise qualitativa (de conteúdo), apresentados por Quivy & Campenhoudt (2005). Apesar de frequentemente se usarem ambos conjuntamente, a análise dos dados deve ser feita através das dimensões do conceito.

1. Análise de dados

Por forma a responder à questão de partida, devem ser comparadas as perguntas que exprimem os conceitos contidos em si.

Para a recolha e análise dos dados foram tidas em conta as questões de investigação definidas e considerados os dados recolhidos, que foram o resultado das observações, questionários, entrevistas e diversos documentos consultados.

A atividade de leitura voluntária foi integrada nas atividades da Biblioteca Escolar do Agrupamento para a Semana da Leitura 2014, cujo tema foi ‘Ler é uma Festa’. Nesse âmbito foram enviados convites aos Encarregados de Educação dos alunos, estendendo-os a todos os familiares, para que contassem ou lessem histórias na Biblioteca da Escola, no horário que a Professora Bibliotecária tem destinado a dinamizar atividades de promoção da leitura com os alunos.

A atividade de leitura voluntária não se limitou à Semana da Leitura proposta pelo Plano Nacional de Leitura, tendo sido alargada a duas, três ou quatro sessões para cada turma de todos os níveis de ensino das quatro escolas abrangidas.

A participação da família ultrapassou as expetativas, tendo em conta a limitação de tempo e de horários disponíveis para cada turma. Em alguns casos foi necessário condicionar o número de participações diárias, noutros casos os professores curriculares disponibilizaram-se para realizar a atividade também nas suas aulas e, para além disso, foi ainda possível contar com a colaboração dos docentes que lecionam a disciplina de ‘Hora do Conto’ que se prontificaram para ‘ceder’ aulas para a realização de leituras voluntárias.

No total foram realizadas cerca de 88 sessões de leitura, sendo 10 no Jardim de Infância (para um universo de 126 crianças), 25 no 1º ano (relativas a um total de 163 alunos), 25 no 2º ano (dirigidas a um universo de 128 crianças), 19 no 3º ano (para um total de 133 alunos) e 9 no 4º ano (para 58 alunos).

Por Escola foram realizadas 16 atividades na Escola do Rodrigo (com um total de 218 alunos), 32 na Escola do Refúgio (com 115 alunos), 17 na Escola de S. Silvestre (com 128 crianças) e 23 na Escola de S. António (com 147 alunos).

Em seguida, ilustram-se algumas dessas sessões.

Algumas atividades realizadas na Escola do Rodrigo:



Algumas atividades realizadas na Escola de S. Silvestre:

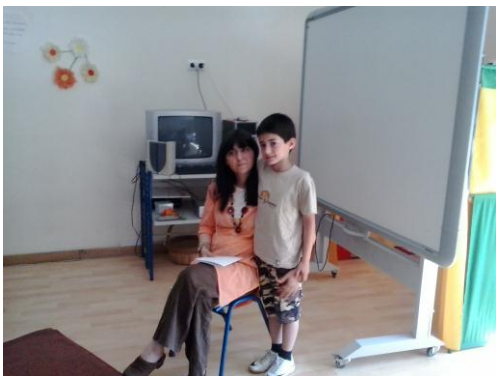






Algumas atividades realizadas na Escola de S. António:





Algumas atividades realizadas na Escola do Refúgio:







Para o nosso estudo foram consideradas 16 sessões. Foram considerados 16 voluntários (apesar de um não ter entregue o inquérito por esquecimento) e, relativamente aos alunos, foram realizados, numa primeira sessão, inquéritos mais completos²⁷, aos quais responderam 113 alunos²⁸. Por se considerar pouco relevante a repetição de determinadas questões para todas as sessões realizadas com o mesmo grupo, realizou-se outro questionário, no qual foram suprimidas diversas questões (que não eram relativas à sessão de leitura em análise), optando-se por manter apenas as questões 1., 2., 3. e 6.. Este segundo questionário (variante do primeiro) foi aplicado a

²⁷ Anexo 2

²⁸ Anexo 5

126 alunos²⁹, sendo alguns alunos inquiridos até 4 vezes no total (a turma 4 da Escola de S. Silvestre) e outros alunos apenas questionados uma vez (como o caso das duas turmas da Escola do Rodrigo).

1.1. Análise dos resultados gerais obtidos nos questionários aos alunos

No geral das 16 sessões observadas, obtivemos os seguintes resultados:

Cerca de 88,2% dos alunos gostou muito da história que ouviu, 10% gostou um bocadinho e apenas 0,8% das 211 respostas obtidas foram negativas. A razão das preferências dos alunos prendeu-se diretamente com o tipo de histórias lidas, sendo que: 3 alunos que gostaram apenas um bocadinho e 1 aluno que não gostou (único que não gostou da história lida de entre todos os inquiridos) foi relativamente à história «Quem tirou os meus morangos?», que se percebeu ser uma história desadequada para esta faixa etária, apesar do exposto por Corchete e Iglesias (2007) e referido em 2. A Escola e a família, sendo um ‘conto de fadas’; os outros 10 alunos que também indicaram ter gostado apenas um bocadinho da história referiram-se a ‘histórias tradicionais’. As razões apontadas foram maioritariamente a maneira como foi contada (cerca de 51%) e o tipo de história lida (44,9%). Apenas 10,9% considerou que a razão foi a pessoa que apresentou a história e 8,4% referiu outra razão (entoação ou outros fatores). Relativamente à periodicidade da leitura de histórias na Escola ou na BE da mesma, 46% referiu que gostava de ouvir histórias uma vez por dia, 30% referiu duas vezes por semana, 21% preferia que a atividade fosse realizada às vezes e apenas 1% afirmou não gostar de ouvir ler. Recorda-se que a estes alunos já são realizadas atividades ligadas à leitura pela Biblioteca Escolar com periodicidade mensal. Entende-se aqui que a percentagem de alunos que referiu que gostaria de ouvir histórias diariamente incluía a leitura na sala de aula.

Das primeiras sessões de leitura realizadas a cada turma, que envolveram 113 alunos foram ainda obtidos os seguintes dados:

Dos 113 alunos, 61 indicou ser de 3º ano, 45 referiu ser de 4º ano e 7 não indicou o ano de escolaridade. 108 alunos referiram o sexo, sendo exatamente 50% de cada sexo. 107 alunos referiram a sua idade, tendo 39% 8 anos, 51% 9 anos e 9% 10 anos.

²⁹ Anexo 6

43% dos alunos gostava que lhes lessem diariamente histórias em casa, 31% preferia que essa leitura fosse concretizada ocasionalmente, 19% gostava de uma frequência de leitura em família de 2 vezes por semana e 6% referiu que não gosta de ouvir ler. Alguns dos alunos que afirmaram não gostar de ouvir ler em casa (4), referiram gostar de ouvir ler na escola (2 alunos, todos os dias e 2 alunos, 2 vezes por semana), a percentagem que não respondeu a esta questão (1%) e 1 dos que referiu não gostar, acrescentaram que a leitura que lhes era feita em casa já era suficiente ou diária (a questão era se gostavam que lhes contassem ou lessem mais histórias em casa), o outro aluno que referiu não gostar que lhe lessem histórias em casa também não gostava que lessem na escola e aludiu não gostar de ler. Sobre quem gostariam que lhes lesse ou contasse histórias em casa, 49% referiu o pai e/ou a mãe, 15% referenciou os avós, 14% mencionou os irmãos, 10% tios, 7% gostava que um amigo o fizesse e 4% referiu outros sujeitos (primos). O tipo de histórias favoritas dos alunos inquiridos é de aventura (32%), seguido das histórias de mistério (24%), 12% gosta de fábulas, 11% aprecia poesia, 7% referiu gostar de contos, a 6% agradam as histórias tradicionais, 4% não sabia e apenas 3% referiu apreciar contos de fadas. É pertinente esta questão, pois esclarece o tipo de histórias que as crianças nesta faixa etária mais apreciam (entre os 8 e os 10 anos) relegando os contos de fadas e as histórias tradicionais para o fim da sua lista de preferências (como se pode verificar pela resposta dada relativamente a terem gostado da história) e destacando histórias de aventuras e mistério.

1.2. Análise dos resultados gerais obtidos nas grelhas de observação

Das grelhas de observação, a maioria dos alunos esteve atenta e interessada do início ao final da atividade, bem como os voluntários. Verificaram-se ligeiras oscilações de interesse da parte dos alunos. A relação dos voluntários com as crianças foi sempre muito boa.

Constatou-se ainda que, em termos gerais, os alunos com hábitos de leitura mais consolidados (como foi confirmado tanto pelos próprios, como pelos professores e familiares) demonstraram maior interesse nas atividades, participaram mais ativamente, com mais criatividade e imaginação, usando vocabulário mais desenvolvido e mostraram-se mais motivados desde o início das sessões.

1.3. Análise dos resultados obtidos nos questionários aos alunos e nas grelhas de observação por grupo e por sessão

Escola do Rodrigo, turma 3:

Realizou-se apenas uma sessão de leitura por voluntários nesta turma. Responderam ao inquérito 23 alunos, da turma de 26 alunos, sendo 11 meninos e 12 meninas, 16 com 8 anos e 4 com 9 anos. 17 alunos gostam muito de ler, 4 gostam pouco e nenhum referiu não gostar de ler, mas 2 não responderam; Sobre a frequência de leitura em casa, 9 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia e em igual número (6 cada) referiram que preferiam por vezes e 2 vezes por semana; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, 19 crianças referiram o pai e/ou a mãe, 2 indicaram um amigo, 6 apontaram os irmãos, 2 mencionaram os tios, 6 referiram os avós e 4 indicaram os primos; Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por 13 crianças, mistério, por 11, contos, por 10, contos de fadas, por 8 crianças, poesia, por 6 alunos, fábulas, por 6, histórias tradicionais, por 3 crianças, e 2 alunos referiram outros tipos. Esta foi a única turma com bastante preferência por contos de fadas - de um total de 9 respostas em 113 do total, 8 foram desta turma.

Na sessão dinamizada por uma mãe (V1) sobre a história «Arcas Misteriosas», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	21	Pela forma como foi contada	12	Sim, uma vez por dia	13
Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	4	Sim, por vezes	0
Não	0	Pelo tipo de história	5	Sim, 2 vezes por semana	6
		Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Todos os alunos gostaram desta atividade, apesar da história ser desconhecida.

Dos registos na grelha de observação, destaca-se que a atividade foi realizada com recurso a fantoches e apresentada com a ajuda da aluna, filha da voluntária. Em conversa com a voluntária, no final da atividade, esta referiu que o cenário foi preparado com o marido e a filha (em família) e que treinaram 4 vezes. Destaca-se o facto de a voluntária ter formação académica e a sua motivação ter sido bastante.

Escola do Rodrigo, turma (2)/3:

Realizou-se apenas uma sessão de leitura por voluntários nesta turma. Responderam ao inquérito 10 alunos, da turma de 22 alunos, sendo 5 meninos e 4 meninas os que identificaram o género, 7 com 8 anos e 3 com 9 anos. 9 alunos gostam muito de ler, 1 gosta pouco e nenhum referiu não gostar de ler; Sobre a frequência de leitura em casa, 5 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia e 4 referiram que preferiam 2 vezes por semana e 1 referiu não gostar de ouvir ler em casa. Este aluno apesar disso gostava que lhe lessem histórias 2 vezes por semana na Escola/BE, o que poderá significar que não gosta do tipo de leitura que lhe é feita em casa ou que não respondeu com atenção ao questionário, contradizendo-se; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, 9 crianças referiram o pai e/ou a mãe, 1 indicou um amigo, 2 apontaram os irmãos, 4 referiram os avós e 3 indicaram os primos; Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por 6 crianças, mistério, por 7, contos, por 3, contos de fadas, por 1 criança, poesia, por 1 aluno, fábulas, por 3, e histórias tradicionais, por 1 criança. Nesta turma, a maioria dos alunos prefere histórias de aventura e de mistério, e alguns apreciam contos e fábulas.

Na sessão dinamizada por uma mãe (V2) sobre a história «Sopa de Prego», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	9	Pela forma como foi contada	6	Sim, uma vez por dia	6
Sim, um bocadinho	1	Pela pessoa que a contou	1	Sim, por vezes	0
		Pelo tipo de história	5	Sim, 2 vezes por semana	5
Não	0	Outra	0	Não gosto de ouvir ler	0

De destacar apenas o registo na grelha de observação, em que se percebia que a leitura não fora bem preparada, mas a voluntária foi intercalando a leitura com questões para aferir se os alunos estavam a gostar da história. Apesar de a história ter sido sugerida pela Professora Bibliotecária imediatamente antes da sua leitura, a voluntária conseguiu que todos os alunos gostassem da história, sendo que apenas um apenas gostou um bocadinho.

Mais de metade dos alunos da turma gostaria que lhes lessem histórias na Escola todos os dias e o restante gostaria que fosse duas vezes por semana, o que reforça que, dos respondentes, todos gostam de ouvir histórias na Escola.

Escola do Refúgio, turma 3:

Realizaram-se duas sessões de leitura por voluntários nesta turma. Responderam ao primeiro inquérito 13 alunos, da turma de 24 alunos, sendo 4 meninos e 9 meninas, 9 com 8 anos e 4 com 9 anos. Sobre a frequência de leitura em casa, 5 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia, 4 referiram que preferiam por vezes, 1 preferia 2 vezes por semana e 2 informaram não gostar de ouvir ler (em casa). Desses, um aluno acrescentou que as que lhe liam já eram suficientes e outro aluno, apesar de não gostar de ouvir ler (em casa) e de também gostar pouco de ler, gostava que lhe contassem histórias todos os dias na Escola e sobre a pessoa que preferia que lhe lesse em casa referiu-se a si próprio. As restantes respostas sobre quem gostariam que lhes lesse em casa, 10 crianças referiram o pai e/ou a mãe, 1 indicou um amigo, 2 apontaram os irmãos, 2 mencionaram os tios e 1 referiu os avós; Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por 8 crianças, mistério, por 6, contos de fadas, por 2 crianças, poesia, por 1 aluno, fábulas, por 4, histórias tradicionais, por 1 criança, e 2 alunos referiram outros tipos. Nesta turma nenhum dos inquiridos referiu gostar de contos. A maioria dos alunos desta turma prefere histórias de aventura e de mistério.

Na sessão dinamizada por um pai (V3) com a história «Quem tirou os meus morangos», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola/BE?	
Sim, muito	10	Sim, muito	10	Pela forma como foi contada	5	Sim, uma vez por dia	7
Sim, pouco	3	Sim, um bocadinho	2	Pela pessoa que a contou	2	Sim, por vezes	4
Não	0	Não	1	Pelo tipo de história	4	Sim, 2 vezes por semana	1
				Outra	2	Não gosto de ouvir ler	0

A criança que referiu não ter gostado desta história é uma menina e gosta muito de ler. Os dois alunos que disseram ter gostado um bocadinho, evidenciaram os aspetos positivos da leitura.

Observou-se, na grelha, que o voluntário teve o cuidado de apresentar o livro e o título. Mas os alunos não estiveram sempre atentos, mas estiveram curiosos e gostaram no geral. O voluntário leu outro livro sobre a sua profissão - bombeiro - que encontrou por acaso na Biblioteca Escolar antes de iniciar a atividade e falou com os alunos após a leitura desta segunda história. Estes fizeram muitas perguntas e estiveram muito interessados. Curiosamente este voluntário sugeriu como forma de motivar as pessoas a

aderir à iniciativa de Voluntários da Leitura a realização de atividades que motivassem o próprio voluntário e foi exatamente o que fez com a escolha de um livro que lhe interessava e que sentia que dominava. A sua postura face a esta segunda história relacionada com a sua profissão foi muito mais descontraída e influente, o que comprova que as motivações pessoais do voluntário são as mais importantes para si e que satisfazem os seus mais importantes interesses de voluntariado, como apresentam Houle et al.(2005), referido em 3.1. O voluntariado.

Responderam ao segundo questionário 16 alunos, da turma de 24 alunos, sendo 4 meninos e 12 meninas, 11 com 8 anos e 5 com 9 anos.

Nesta sessão, dinamizada por uma mãe (V4) com a história «O pintor de dragões», os resultados foram:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola/BE?	
Sim, muito	13	Sim, muito	16	Pela forma como foi contada	8	Sim, uma vez por dia	7
Sim, pouco	3	Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	6	Sim, por vezes	4
Não	0	Não	0	Pelo tipo de história	7	Sim, 2 vezes por semana	1
				Outra	2	Não gosto de ouvir ler	0

Na grelha de observação registou-se o cuidado da voluntária em mostrar as imagens. A história era demasiado pequena e por isso a voluntária apresentou mais duas histórias do mesmo livro, selecionadas por método de votação pelos alunos presentes. A estratégia usada por esta voluntária, que referiu costumar ler frequentemente e por vezes colaborar em ações de voluntariado, foi bastante assertiva e, apesar de não ter feito qualquer trabalho sobre a história lida, leu as histórias que agradavam à maioria dos alunos. Já a história tinha sido escolhida pelo filho.

Escola do Refúgio, turma (2)/3:

Na turma (2)/3 foram lidas duas histórias, igualmente com 3 alunos de 3º ano (os restantes alunos são de 2º ano, que não incluímos na nossa amostra), sendo a primeira história intitulada «Quente demais para abraçar» e a segunda «Pedro e o lobo», ambas contadas por pais de alunos da turma (V5 e V6). Responderam 1 menino e 2 meninas, 2 com 9 anos e 1 com 10 anos. Os 3 alunos gostam muito de ler; Sobre a frequência de leitura em casa, 2 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia e 1 referiu que preferia 2 vezes por semana; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, todos

referiram o pai e/ou a mãe e 1 indicou também um amigo; Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por todas as crianças, mistério, por 1, contos, por todas, contos de fadas, por 1 criança, poesia, por 2 alunos, e fábulas, por 1 aluno.

Na sessão dinamizada pelo pai (V5) sobre a história «Quente demais para abraçar», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	3	Pela forma como foi contada	2	Sim, uma vez por dia	2
Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	0	Sim, por vezes	0
Não	0	Pelo tipo de história	2	Sim, 2 vezes por semana	1
		Outra	0	Não gosto de ouvir ler	0

Dos registos na grelha de observação nada há a destacar.

Este pai participa por vezes em ações de voluntariado, lê, por vezes e a história que leu foi sugerida pelo filho. Não fez qualquer sugestão.

Na sessão dinamizada pelo pai (V6) sobre a história «Pedro e o lobo», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	3	Pela forma como foi contada	1	Sim, uma vez por dia	2
Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	0	Sim, por vezes	0
Não	0	Pelo tipo de história	2	Sim, 2 vezes por semana	1
		Outra	0	Não gosto de ouvir ler	0

De referir da grelha de observação o cuidado do voluntário em elaborar uma ficha de compreensão do texto para todos os alunos, que policopiou e distribuiu no final. No entanto este voluntário referiu que raramente participa em atividades de voluntariado e raramente lê.

Escola de S. Silvestre, turma 4:

Na turma 4 da Escola de S. Silvestre foram dinamizadas 6 sessões de leitura por voluntários, tendo-se observado as quatro primeiras sessões. Nesta turma optou-se por realizar 4 observações, por ser uma turma bastante heterogénea e no entanto bastante ativa e empenhada em todas as tarefas que lhes são solicitadas. Segundo a professora

destes alunos, esta turma começou bastante conflituosa e problemática no 1º ano de escolaridade, mas foi-se tornando mais assertiva e cooperativa ao longo do 1º ciclo.

Responderam aos dois primeiros questionários 16 alunos, da turma de 23 alunos, identificando-se 5 meninos e 10 meninas, 12 com 9 anos e 4 com 10 anos. 13 alunos gostam muito de ler, 3 gostam pouco e nenhum referiu não gostar de ler. Dos 3 alunos que indicaram gostar pouco de ler todos referiram que gostariam que a leitura na Escola /BE fosse diária e que em casa fosse de 2 vezes por semana; Sobre a frequência de leitura em casa, 6 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia e em igual número (5 cada) referiram que preferiam por vezes e 2 vezes por semana; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, 16 crianças referiram o pai e/ou a mãe, 3 indicaram um amigo, 8 apontaram os irmãos, 4 mencionaram os tios e 5 referiram os avós. Aqui se verifica que apesar de todos nomearem os pais para a leitura em casa, também os irmãos foram apontados por metade dos alunos, tendo ainda cerca de um quarto referido os tios e /ou os primos.

Os tipos de histórias mais indicados foram: de aventura, por 13 crianças, mistério, por 9, contos, por 4, poesia, por 6 alunos, fábulas, por 9, histórias tradicionais, por 8 crianças. Esta foi a turma que mais referiu gostar de histórias tradicionais, contrariamente à maioria.

A primeira história foi apresentada por uma mãe (V7) e intitulava-se «A Lebre e a Tartaruga». Obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	11	Pela forma como foi contada	11	Sim, uma vez por dia	9
Sim, um bocadinho	5	Pela pessoa que a contou	0	Sim, por vezes	2
Não	0	Pelo tipo de história	5	Sim, 2 vezes por semana	5
		Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Na grelha de observação registou-se que, apesar da fábula ser bem conhecida pelos alunos, estes gostaram porque a voluntária teve uma postura muito simples, simpática e próxima das crianças. Esta voluntária referiu que lê histórias com frequência e que foi o filho que sugeriu a história a ler. Também sugeriu no questionário que as próprias crianças lesem histórias aos seus pares e aos pais.

Na segunda sessão foram apresentadas duas histórias por um pai (V8): «O sonho de Mariana» e *Sábios como Camelos*, do livro «Estranhões e Bizarrocos». Obtivemos os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	15	Pela forma como foi contada	9	Sim, uma vez por dia	9
Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	1	Sim, por vezes	2
		Pelo tipo de história	10	Sim, 2 vezes por semana	5
Não	0	Outra	2	Não gosto de ouvir ler	0

Na grelha de observação registou-se a realização de mais duas leituras, sendo a última de adivinhas, que foi do agrado dos alunos. Apesar de ter uma postura bastante formal para a situação em análise, o voluntário teve sempre o cuidado de fazer uma introdução a cada livro, apresentando inclusivamente uma breve biografia dos respetivos autores. Este voluntário utilizou diversas estratégias promotoras de habilidades de leitura, apresentadas por Gardner (2005), referidas em 1.2. Mediação da Leitura. Sendo professor universitário na área da Matemática, apresentou uma proposta que será apresentada adiante em «Conclusões e propostas de boas práticas» deste estudo. O texto foi escolhido pelo voluntário e o filho.

A terceira história foi contada por uma avó (V9) e intitulava-se «A pomba e a formiga». A esta história responderam 23 alunos. Os resultados foram:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	23	Pela forma como foi contada	14	Sim, uma vez por dia	9
Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	2	Sim, por vezes	5
		Pelo tipo de história	17	Sim, 2 vezes por semana	8
Não	0	Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Na grelha de observação registou-se que a voluntária era pessoa bastante experimentada, lendo de forma bastante clara, analisando com os alunos a moral da história no final, tendo precedido a leitura com a definição de fábula em conjunto com as crianças. Tendo formação universitária e sendo avó de várias crianças, referiu a sua constante atividade ao longo da vida. Refere-se a este propósito o projeto REPRINTS apresentado por Fujiwara et al. (2009) (referido em 3.1. O voluntariado) e o conceito da aprendizagem ao longo da vida em que a atividade voluntária desenvolve as capacidades cognitivas.

A última história a ser observada nesta turma foi lida por um pai (V10) e o seu título «Era uma vez um rei poeta». O resultado dos questionários, respondidos por 23 alunos (a totalidade dos alunos da turma) foi:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	21	Pela forma como foi contada	12	Sim, uma vez por dia	9
Sim, um bocadinho	1	Pela pessoa que a contou	3	Sim, por vezes	5
Não	0	Pelo tipo de história	17	Sim, 2 vezes por semana	8
		Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Na grelha de observação registou-se a descontração do voluntário e bom conhecimento da História de Portugal, que teve grande adesão da participação dos alunos. O voluntário utilizou estratégias eficazes de promoção de diferentes literacias, quer pelo modo da leitura em voz alta para os alunos, referidos por Fisher, Fray e Williams (2002), apresentado em 1.2. Mediação da Leitura, quer pelo uso da técnica K-L-M, criada por Dona Ogle, referida no mesmo subcapítulo.

Escola de S. Silvestre, turma 3/4:

A turma 3/4 da Escola de S. Silvestre é constituída por 25 alunos e todos responderam ao questionário relativamente às duas sessões realizadas por duas mães (V11 e V12). Responderam 16 meninos e 8 meninas (uma criança não identificou o sexo), 9 com 8 anos, 9 com 9 anos e 2 com 10 anos. Dos 25 alunos, apenas 20 identificou o ano de escolaridade, sendo 9 do 4º ano e 11 do 3º ano. 19 alunos gostam muito de ler, 4 gostam pouco e 2 referiram não gostar de ler, sendo que um deste gostava que lhe lessem mais histórias em casa e na Escola. O outro aluno não gostava que lhe lessem histórias quer em casa, quer na escola. Ambos gostaram muito das duas histórias que foram lidas pela maneira como foi contada. Sobre a frequência de leitura em casa, 16 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia, 3 que fosse apenas por vezes, 4 referiram que preferiam 2 vezes por semana e 1 afirmou não gostar de ouvir ler; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, a maioria (21 crianças) referiu o pai e/ou a mãe, 3 indicaram um amigo, 3 apontaram os irmãos, 5 mencionaram os tios, 4 referiram os avós e 4 indicaram outros (1 referia-se aos primos e outro a ninguém); Os tipos de histórias favoritos indicados foram de aventura, por 17 crianças, mistério, por 11, contos, por 3, poesia, por 4 alunos, fábulas, por 4, histórias tradicionais e contos de fadas igualmente por 1 criança e 7 alunos referiram não saber ou por outro tipo de histórias. Também nesta turma prevalece a preferência geral das histórias de aventuras e de mistério.

A primeira sessão, dinamizada a propósito da fábula «A mentira tem perna curta» foi apresentada por uma mãe (V11) e obteve os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	24	Pela forma como foi contada	11	Sim, uma vez por dia	19
Sim, um bocadinho	1	Pela pessoa que a contou	2	Sim, por vezes	1
Não	0	Pelo tipo de história	11	Sim, 2 vezes por semana	4
		Outra	1	Não gosto de ouvir ler	1

O aluno que respondeu não gostar de ouvir ler na Escola /BE é o mesmo que não gosta de ler nem de ouvir ler em casa. Na grelha de observação destacou-se a capacidade de leitura de forma expressiva, que cativou os alunos, como se confirma pelo número de alunos que referiu a forma como a história foi contada como razão de ter gostado muito da mesma, e a análise do significado do título. A voluntária, para além de ter formação superior, costuma participar frequentemente em ações de voluntariado, bem como em atividades de leitura. Também esta voluntária não apresentou qualquer sugestão.

A segunda história, com o título «João sem Medo», teve como resultado dos inquéritos aos alunos:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	19	Sim, muito	23	Pela forma como foi contada	12	Sim, uma vez por dia	19
Sim, pouco	4	Sim, um bocadinho	2	Pela pessoa que a contou	3	Sim, por vezes	1
Não	2	Não	0	Pelo tipo de história	9	Sim, 2 vezes por semana	4
				Outra	2	Não gosto de ouvir ler	1

Os alunos gostaram todos da história, tendo apenas dois gostado só um bocadinho. Na grelha de observação apenas se registou que foi usado o projetor para projetar a história, o que agradou aos alunos, pois puderam assim acompanhar a leitura.

Desta atividade a voluntária não chegou a entregar o questionário preenchido.

Escola de S. António, turma (2)/3:

Realizaram-se três sessões de leitura por voluntários nesta turma. Apenas foram autorizados pelos Encarregados de Educação a responder ao questionário 10 alunos, da turma de 24 alunos, sendo todas meninas, 7 com 8 anos e 3 com 9 anos. Sobre a

frequência de leitura em casa, 5 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia, 3 referiram que preferiam por vezes, 1 preferia 2 vezes por semana; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, todas as meninas referiram o pai e/ou a mãe, 3 indicaram um amigo, 4 apontaram os irmãos, 3 mencionaram os tios e 4 referiram os avós; Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por 8 crianças, mistério, por 5, contos, por 3 crianças, poesia, por 7 alunas, fábulas, por 1, histórias tradicionais, por 3 crianças. Nesta turma nenhuma das inquiridas referiu gostar de contos de fadas e uma grande parte referiu gostar de poesia, para além das histórias de aventura. As histórias de mistério ficaram, no entanto, depois da poesia.

Na sessão dinamizada por uma amiga de uma mãe (V13) intitulada «Quem mexeu no meu queijo?», os resultados foram os seguintes:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola/BE?	
Sim, muito	10	Sim, muito	10	Pela forma como foi contada	7	Sim, uma vez por dia	1
Sim, pouco	0	Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	1	Sim, por vezes	2
Não	0			Pelo tipo de história	3	Sim, 2 vezes por semana	2
		Não	0	Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Todas as alunas sem exceção gostam muito de ler e gostaram muito da história, em especial pela forma como foi contada. Na grelha de observação registou-se que a voluntária, bastante experiente, preparara a sessão cuidadosamente e, por ser demasiado longa para o tempo disponibilizado, deixou parte da atividade sobre a história para ser posteriormente completada com a Professora Bibliotecária.

Esta voluntária apresentava as qualidades de um bom mediador de leitura, referidas em 1.2. Mediadores de Leitura, expostas por Cerrillo (2002). Sendo uma amiga de familiar, era uma professora reformada, tendo experiência neste tipo de atividades.

A segunda história trabalhada por uma mãe (V14) subordinou-se à história «Cerejeiras em flor». Obtivemos os seguintes resultados:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola/BE?	
Sim, muito	10	Sim, muito	9	Pela forma como foi contada	6	Sim, uma vez por dia	1
Sim, pouco	0	Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	1	Sim, por vezes	2
Não	0			Pelo tipo de história	3	Sim, 2 vezes por semana	7
		Não	0	Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Uma aluna não respondeu se gostou da história, no entanto a história foi muito apreciada pelo grupo, em particular pela presença de um artigo ‘real’ para ajudar da explicação da história. Na grelha de observação evidenciou-se o facto de ser uma história retirada de um antigo livro escolar do ‘Ensino primário elementar IV classe’ e por a voluntária trazer um ramo de cerejeira com flores para ilustrar ‘ao vivo’ a história.

A terceira sessão foi apresentada por uma tia de uma criança da turma (V15) e cujos títulos apresentados foram: «Ainda nada?» e «Eu espero...» (fazendo a ligação das duas histórias e por isso consideram-se apenas uma aqui) Também a esta história responderam as 10 alunas. Os resultados foram:

Gostas de ler?		Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola/BE?	
Sim, muito	10	Sim, muito	10	Pela forma como foi contada	6	Sim, uma vez por dia	1
Sim, pouco	0	Sim, um bocadinho	0	Pela pessoa que a contou	0	Sim, por vezes	2
Não	0			Pelo tipo de história	3	Sim, 2 vezes por semana	7
		Não	0	Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Todas as crianças gostaram muito da atividade. Na grelha de observação registou-se a grande capacidade da voluntária em envolver os alunos, cuja ligação entre os diversos materiais com que assistiu a ação foi muito bem conseguida. O tempo não foi suficiente para esta sessão tão bem preparada pois houve um atraso para o início da atividade.

Escola de S. António, turma (1)/4:

Realizou-se apenas uma sessão de leitura por voluntários nesta turma. Responderam ao inquérito 21 alunos, da turma de 22 alunos, sendo 18 meninos e 3 meninas, 17 com 9 anos e 3 com 10 anos. 17 alunos gostam muito de ler, 3 gostam pouco e 1 referiu não gostar de ler, apesar de desejar ouvir histórias por vezes, tanto na Escola como em casa. Sobre a frequência de leitura em casa, 2 disseram que gostavam que fosse uma vez por dia, 15 referiram que preferiam por vezes e 4 alunos preferiam que a leitura em casa se limitasse a 2 vezes por semana; Quanto a quem gostariam que lhes lesse em casa, 16 crianças referiram o pai e/ou a mãe, 1 indicou um amigo, 5 apontaram os irmãos, 4 mencionaram os tios, 6 referiram os avós e 2 indicaram outra pessoa (os primos, por um aluno e a professora, por outro aluno) Os tipos de histórias favoritos indicados foram: de aventura, por 20 crianças, mistério, por 19, contos, por apenas 3, contos de fadas, por 2 crianças, poesia, por 8 alunos, fábulas, por 7, histórias

tradicionais, por 2 crianças, e 1 aluno referiu outros tipos. Como era esperado, os tipos de histórias preferidos por esta turma são as histórias de aventuras e de mistério, indicados por quase todos os alunos. Curiosamente, sendo uma turma maioritariamente composta por meninos, mais de 36 % dos alunos referiu gostar de poesia, sendo apenas um dos que referiu gostar pouco de ler.

Na sessão dinamizada por uma mãe (V16) sobre a história «A Rosinha, o mar e os sonhos», obtivemos ainda os seguintes resultados:

Gostaste desta história?		Razão		Gostavas que te contassem mais histórias na Escola / BE?	
Sim, muito	12	Pela forma como foi contada	9	Sim, uma vez por dia	1
Sim, um bocadinho	9	Pela pessoa que a contou	1	Sim, por vezes	15
Não	0	Pelo tipo de história	10	Sim, 2 vezes por semana	4
		Outra	1	Não gosto de ouvir ler	0

Dos registos na grelha de observação apenas se destaca o facto de a história escolhida ser muito longa para este tipo de atividade, porém a leitura desta história também foi oportuna por este livro ter sido adquirido numa feira do livro, realizada a propósito da receção da escritora na Escola, tendo-se permitido o entendimento da história por todos os alunos da turma.

A voluntária costuma ler frequentemente, mas não tem qualquer experiência em ações de voluntariado.

Neste caso, a sessão de leitura serviu também para divulgar o livro e a autora (não sendo esse o intuito primordial da voluntária, pois a escolha do livro foi por sugestão do filho), para além de motivar à leitura, como dito por Tavares (2008) e mencionado em 1.2. Mediação da Leitura.

Em síntese, de todas as sessões há dois elementos chave a reter. Por um lado, a forma como a história é contada é a principal razão pela qual os alunos gostaram da história, isto significa que o mediador desempenha um papel crucial no sucesso da atividade. Logo, justifica-se a realização de formação em estratégias de mediação leitora para Professores Bibliotecários, pais, voluntários de leitura e outros agentes que possam ser envolvidos nesta missão de promoção da leitura. Por outro lado, é muitíssimo significativo que a maioria esmagadora dos alunos, quando inquiridos se gostavam que lhe contassem mais histórias, afirmaram que gostariam que lhe contassem histórias uma vez por dia na escola/BE, ou seja, há uma clara adesão dos alunos a esta

atividade de leitura mediada. A escola tem o desafio de refletir em que momentos do ciclo diário das atividades pode fazer esta promoção.

1.4. Análise dos resultados obtidos nos questionários aos voluntários³⁰

Responderam um total de 15 voluntários, sendo 80% dos inquiridos ascendentes diretos (pai ou mãe) de uma criança do grupo, todos concluíram o ensino secundário (40%) ou o ensino superior (60%). Percebe-se que há um constrangimento por parte dos familiares com menores habilitações literárias em participar nestas atividades. A grande maioria (92%) dos inquiridos encontrava-se empregada, sendo que apenas 8% se encontrava reformado. Com este resultado, dissolveu-se a ideia de que os que colaboram mais ativamente com a Escola são os que têm mais tempo disponível, por estarem desempregados ou reformados. Apesar do horário possível para a realização das atividades de leitura pelos voluntários destaca-se a grande adesão dos voluntários empregados. Verificaram-se vários casos em que, desejando muito deslocar-se à escola para ler, mas não tendo possibilidade de o concretizar no horário previsto, os voluntários solicitaram a realização de leituras na sala de aula ou em outro dia diverso. No total das sessões de leitura realizadas, 25 acabaram por se realizar na sala de aula, com o consentimento dos professores. A faixa etária predominante entre os voluntários respondentes situa-se entre os 36 e os 45 anos (53%), seguida da faixa dos 26 aos 35 anos (27%). Apesar de não terem sido integradas neste estudo (por se referirem a atividades dinamizadas em turmas de Jardim de Infância ou de 1º e 2º anos de escolaridade), algumas atividades (cerca de 3) foram realizadas por irmãos mais velhos (com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos). Estes foram muito bem acolhidos e respeitados pelas crianças, tendo-se verificado a partilha de conhecimento referida por Gomes (2004), em 3.1. O voluntariado.

60% dos voluntários nestas atividades de leitura já realizou leituras frequentemente (60%), por vezes (33%) ou raramente (7%).

Destes voluntários 67% colabora ocasionalmente em ações de voluntariado, 13% fá-lo frequentemente, 7% raramente o faz e 13% foi a primeira vez que colaborou numa ação de voluntariado. Nesta questão, apesar de não se ter solicitado no questionário a indicação da ações de voluntariado realizadas (o que seria interessante analisar), soube-se que a maior parte se referia a colaboração com a escola (quer pela associação de pais ou diretamente com os professores).

³⁰ Ver anexo 7

Relativamente à perspectiva dos voluntários sobre a atividade em concreto, 53% considerou que esta motivou as crianças para a leitura e 47% achou que a atividade motivou bastante as crianças para a leitura.

Todos os voluntários consideraram que a sua relação com os alunos foi muito satisfatória (87%) ou satisfatória (13%). Sem exceção, todos classificaram a receção pela Escola / Biblioteca Escolar muito satisfatória e todos se mostraram disponíveis para realizar mais atividades de leitura na Escola frequentemente (47%) ou pontualmente (53%).

Na visão de 87% dos voluntários, todos ou quase todos os alunos gostaram da atividade que foi desenvolvida e 13 considerou que mais de metade a terá apreciado. Ainda na perceção dos voluntários, a atividade foi muito interessante (60%) ou interessante (40%) para os alunos.

Sobre a escolha da história apresentada, 53% dos respondentes recorreu à ajuda ou aceitou a sugestão de um filho, 40% escolheu de acordo com o seu gosto pessoal e 7% recorreu à Professora Bibliotecária para a escolha da história. A ajuda do filho para a escolha da história a ler é muito positiva, como defende o PNL na definição da etapa da escolha do livro (referida em 1.2.1. O PNL na mediação da leitura). Também a escolha do livro de acordo com o gosto pessoal do mediador é benéfica, pois como afirma Prole (2008a) o mediador deve gostar do texto que vai ler. No entanto esta escolha não se deve sobrepor à vontade das crianças, como defendido por Cerrillo (2002) e exposto em 1.2. Mediação da leitura. O recurso de 7% dos voluntários à Professora Bibliotecária para a escolha da história foi também uma boa alternativa, porém houve casos em que esta solicitação foi feita imediatamente antes da apresentação da história aos alunos, invalidando qualquer preparação prévia da atividade.

47% dos tipos de história escolhidos para as atividades que foram objeto deste estudo foram contos, 33% das escolhas recaíram em fábulas, 13% em histórias tradicionais e 7% foram de outro tipo ou indefinidas.

A quase totalidade dos voluntários deu uma sugestão ou opinião sobre formas de motivar outros a aderir a este tipo de iniciativa - Voluntários da Leitura - e que aqui se transcrevem:

«O contacto com as pessoas através dos alunos ou mesmo individualmente, pelo telefone, terá com certeza bons resultados.» «Haver mais iniciativas desta natureza. Atividades como esta fomentam o gosto pela leitura. Parabéns!» «Quanto mais frequentes forem estas iniciativas, mais pessoas se sentirão motivadas.» «Incentivar, através dos alunos, os pais a colaborarem mais nestas ações. Passa pelos filhos o

«despertar» do gosto pela leitura nos pais.» «Proporcionar momentos de satisfação aos leitores pondo em prática este tipo de iniciativas. Como forma de motivar as crianças para a leitura, motivando-se a si própria.» «Divulgar a iniciativa através dos meios de comunicação, assim como publicitar a importância da leitura no desenvolvimento das crianças e adultos.» «Penso que no meu caso não é preciso motivação, pois sendo pai de 2 crianças não há motivação maior.» «Talvez maior divulgação e envolvimento por parte da família (avós primos, tios).» «Penso que este tipo de atividades se devem realizar mais vezes. Acho que é motivante para os miúdos e mesmo sendo um deles também a contar histórias para os colegas e os pais.» «Promover o seu envolvimento em iniciativas de promoção da leitura: contacto com escritores, leituras partilhadas com os alunos...»

Com estes depoimentos, registados pelos voluntários nos questionários, confirma-se a consciência da família e da sociedade em geral para a importância da leitura, por um lado, e a vontade e disponibilidade em trabalhar de forma colaborativa com a Escola para a formação e educação das crianças, neste caso no que diz respeito à leitura.

As sugestões e opiniões apresentadas pelos voluntários comprovam a eficácia do voluntariado da leitura na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar, sendo, de resto, esta a questão de partida deste estudo.

1.5. Análise dos resultados obtidos na entrevista à Professora Bibliotecária

Considerou-se útil a realização de uma entrevista à Professora Bibliotecária coordenadora da equipa da Biblioteca Escolar do Agrupamento por esta se encontrar no Agrupamento a exercer as funções nas Bibliotecas do Agrupamento há doze anos letivos.

Relativamente aos benefícios que a PB considerou que as atividades de voluntariado na leitura realizadas trouxeram para a Escola e para a Biblioteca Escolar, no que respeita à promoção da Leitura, esta referiu que *«qualquer atividade de leitura ajuda a cultivar o gosto pela leitura e todos sabemos que os livros são valiosos para a educação e difundem a informação e consequentemente da cultura.*

As atividades de voluntariado, ajudaram a partilhar ideias, a aproximar a escola e a família, assim como intensificam o diálogo entre as famílias e os professores. Os voluntários de leitura ajudaram e mostraram que se pode ler bem em vários tipos de suportes.» De facto um dos objetivos da BE, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO (IFLA/UNESCO, 1999) é justamente o trabalho com alunos, professores, órgãos de gestão e pais para cumprir a missão da escola.

Quanto aos benefícios que as atividades de voluntariado na leitura realizadas trouxeram para os alunos, no que respeita à promoção da Leitura, a Professora Bibliotecária referiu que:

- No que se refere às competências leitoras, *«os voluntários de leitura contribuíram para que as crianças leiam mais, com mais interesse e melhor»;*
- No que diz respeito ao gosto pela leitura, *«os alunos cujos familiares se disponibilizaram a ir à escola ler, aumentaram o gosto pela leitura e incentivam os colegas a ler mais»;*
- Quanto ao impacto da atividade nos alunos, *«os alunos leem mais e dialogam sobre as suas leituras»;*
- Sobre a dinâmica da leitura na BECRE / Escola, *«as crianças começaram a requisitar mais livros e tanto os alunos como os professores utilizam os recursos da BE para acederem ao conhecimento»;*
- Relativamente à dinâmica da leitura na família, verificou-se que *«as famílias continuam a dinamizar atividades na BE o que prova que continuam a ler em casa e em conjunto;*

- Na relação com a comunidade extraescolar *«este tipo de atividades promove sempre um maior contacto entre a escola e a comunidade extraescolar pois os voluntários de leitura podem ser qualquer um, independentemente de ser familiar ou não de um aluno»*. Este ponto de vista da Professora Bibliotecária coincide com o exposto por Gonçalves (2003) relativamente à relevância em a BECRE integrar o meio e a comunidade exterior à Escola, considerando que este meio exerce forte influência nos alunos.

Em resposta ao pedido de que indicasse, relativamente ao voluntariado na promoção da Leitura, os pontos fortes, a Professora Bibliotecária referiu que *«os voluntários de leitura ajudam a descobrir o prazer de ler pois facilitam o encontro entre e leitores livros»*. Como pontos fracos mencionou o facto de ser *«um tipo de voluntariado ainda pouco divulgado e com poucos adeptos na nossa região»*. Como sugestões de melhoria apontou a vantagem de se *«promover formação de voluntários e posteriormente alargar a todo o Agrupamento atividades deste género, ao longo de todo o ano»*.

A PB entrevistada enunciou como estratégias mais eficientes para motivar as pessoas a colaborarem como voluntários no âmbito das atividades de promoção da leitura, o *«desenvolvimento de ações de sensibilização de pais e encarregados de educação para a problemática da leitura, em colaboração com os professores das escolas/turmas e com técnicos da Biblioteca Municipal»*. A este propósito foram realizadas no agrupamento, pela BECRE em parceria com o Serviço de Psicologia e Orientação, ações de sensibilização para os pais das crianças em idade pré-escolar, sobre a importância da leitura em casa desde a idade pré escolar.

Questionada sobre se considerava que se deviam realizar atividades de formação para candidatos a voluntários de promoção da leitura, a PB referiu que *«as formações devem ser muito muito bem estruturadas de forma a motivar os formandos e a mostrar-lhes a importância da leitura e as suas vantagens. Devem ser essencialmente práticas e não serão necessariamente muito longas, pois desmotivam os formandos. As formações para voluntários de promoção de leitura devem ser dinamizadas por contadores de histórias, técnicos da Bibliotecas Municipais, professores bibliotecários ou outras pessoas ligadas diretamente à promoção da leitura.»*

Verificou-se pelo depoimento da PB entrevistada que: compreende o que é relevante para que os alunos se tornem leitores independentes e sabe o que é pertinente para promover e consolidar hábitos de leitura nas crianças. Como Professora Bibliotecária Coordenadora, assegura que as ações da BE sejam adequadas às necessidades dos alunos, garantindo a implementação da missão da Escola - o sucesso

educativo, e fomenta os serviços de Biblioteca e de informação para a Escola e a comunidade em geral, de acordo com o definido pelo referencial de competências da ASLA, como padrões de excelência dos PB, referido em 1.3. A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário.

V. Conclusões e recomendações de boas práticas

A questão de partida desta investigação: Qual o papel do voluntariado (da leitura) na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar?

O relatório síntese do PNL (elaborado em 2006) propõe o alargamento e diversificação de ações promotoras da leitura na escola, na família e em outros contextos. De entre os seus objetivos, destaca-se a ação de professores e mediadores da leitura, formais e informais, que, neste estudo, foram os voluntários.

As atividades de leitura devem, mais do que um complemento ao trabalho da sala de aula, permitir o acesso a diversas obras e possibilitar a leitura por prazer, como referem Furtado e Oliveira (2010)

Os objetivos da BE, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO, referidos no subcapítulo 1.3. A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário, que são comuns aos objetivos do PLN, mencionados em 1.2.1. O PNL na mediação da leitura, são coincidentes com os objetivos deste estudo, uma vez que o projeto de voluntariado na leitura (no âmbito da BE) fomenta o envolvimento da família, dos pais, da comunidade escolar e de recursos humanos externos à escola.

A maioria dos voluntários tem relação direta com uma criança do grupo, o que se enquadra na perspetiva multimotivacional dos voluntários apresentadas no capítulo I, (3.1.O voluntariado). No caso dos voluntários mais idosos, como os avós (que, apesar de apenas um ser integrado neste estudo, no geral das atividades não registados foram quatro), as suas principais motivações prenderam-se com as referidas no ponto 3.1. do capítulo I, nomeadamente a necessidade de se sentirem úteis na sociedade e a necessidade de conviver. É confirmado aqui, tal como aludido por Alves (2013), que se consegue «uma relação mais intensiva entre estes sujeitos», referindo-se a avós e netos. Também o relacionamento entre avós e netos pode ser bastante proveitoso para ambos, pois nas ações dinamizadas por voluntários mais idosos (avós, amigos da família reformados e outros) possibilitou-se o entendimento das gerações anteriores, pelas crianças e confirmou-se a relevância de aprender a respeitar os mais velhos.

As ligeiras oscilações de interesse verificadas na observação das atividades deveram-se ao tempo da atividade ou extensão da história. A relação dos voluntários com as crianças foi sempre muito boa.

Quando se interrompia a leitura para mostrar as ilustrações do livro, os alunos agitavam-se um pouco, só voltando a sossegar quando o voluntário retomava a leitura.

Na atividades em que as imagens eram projetadas, não se verificou agitação, pelo contrário, os alunos estavam mais atentos.

Quando a criança, cujo familiar estava a ler a história, ficava de frente para a turma (nalguns casos foi opção dos voluntários) os alunos estiveram sempre um pouco mais agitados.

O questionário aplicado aos alunos pretendia determinar ‘Qual a perceção das crianças no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’, debatendo se as atividades desenvolveram o gosto pela leitura, as suas competências de leitura, se o projeto de voluntariado da leitura alterou a dinâmica da leitura na BE, na escola e na família e se os alunos gostaram de se relacionar com outras gerações e realidades. As ideias principais a reter são:

Quanto à interrogação se os alunos gostaram de se relacionar com outras gerações e realidades, verificou-se que, nestas atividades os alunos encontraram pais, mães tios, irmãos avós e amigos a ler-lhes histórias e viram como isso pode ser divertido. Corchete e Iglesias (2007) frisaram que o aluno deve estar habituado a ver outros elementos da família a ler.

Os alunos que responderam não gostar de ouvir ler - num total de 3 respostas de dois alunos, visto um ter respondido em dois questionários, tinham respondido ter gostado da história ouvida. Por um lado, sendo alunos de 4º ano de escolaridade, concluímos que nesta faixa etária, algumas crianças começam a preferir ler ao invés de ouvir ler. Tal não significa que lhes desagradem ouvir histórias em absoluto; Por outro lado, pelas escassas leituras que eram habitualmente realizadas em casa (por isso esses alunos referiram que gostavam que lhes lessem ou contassem mais histórias em casa) tinham uma perceção pouco positiva da leitura em casa. É importante o reforço da importância da leitura em casa, às famílias, segundo Corchete e Iglesias (2007), e que estas procurem reservar um tempo e escolher um lugar adequado para ler com as crianças, assim como tornar o tempo da leitura divertido, nunca o tornando em obrigação.

Apesar de apenas 1% dos alunos inquiridos na primeira sessão afirmar não gostar de ouvir ler, relativamente à periodicidade de leitura de histórias na Escola ou na BECRE da Escola, já à mesma questão relativamente à leitura em casa obtivemos 6% de respostas (7 alunos em 113) afirmando não gostar de ouvir ler. Entendemos que pesaram aqui outros fatores para estas posições divergentes relativamente à leitura na Escola e em casa. Este facto poderá ter interesse em ser explorado num estudo comparativo entre o ambiente escolar e o ambiente familiar propícios à promoção da leitura, mas não era objeto do presente estudo. No entanto, confirmaram-se neste estudo de caso algumas

crenças erradas que persistem sobre a leitura, mencionadas por Corchete e Iglesias no capítulo I (2. A Escola e a família), nomeadamente, que só se deve contar histórias a uma criança enquanto esta não tiver aprendido a ler, devendo ela ler por si a partir desse momento, que cada livro serve uma idade própria e que a tarefa de contar histórias deve ser deixada para os profissionais.

As grelhas de observação, pela observação direta, em vários momentos, complementaram a recolha de dados relativamente aos alunos e aos voluntários observados. O conceito definido por este instrumento centrou-se na dinâmica da leitura global pela influência do projeto de voluntariado da leitura e para tal, os indicadores considerados refletiram a dimensão da motivação para a leitura, pelo número de leituras realizadas; o voluntariado de leitura, pela perceção do nível de satisfação dos alunos pela atividade, a dimensão das competências leitoras, pela diversificação de leituras realizadas, e o envolvimento das famílias, pelo número de leituras realizadas fora da escola e em casa. A síntese dos resultados indica que, no que respeita à adequação das atividades de leitura, pelo pouco tempo para a preparação das atividades de leitura pelos voluntários, realizaram-se algumas leituras desajustadas, considerando o tempo da atividade, a faixa etária do grupo, entre outros fatores. Apesar disso, todos os voluntários, sem exceção, classificaram a receção pela Escola e pela Biblioteca Escolar como muito satisfatória.

Wasik (1997) refere a importância da existência de um coordenador que saiba sobre leitura e instrução de leitura num programa de voluntariado de tutoria, permitindo orientar o processo e os voluntários de forma correta. Também num projeto de voluntariado da leitura é muito pertinente:

- a definição dos objetivos centrais, parceiros envolvidos e responsáveis no projeto;
- a disponibilização de informação, recursos, formação a voluntários e responsáveis, bem como apoios diversos;
- a realização de ações de planeamento, acompanhamento e avaliação.

Os voluntários da leitura deste estudo apresentaram algumas sugestões pertinentes: Um dos voluntários, por ser professor universitário na área da Matemática, propôs a realização de atividades ligadas a essa área, voluntariando-se para o efeito. Propõe-se a implementação de um projeto, impulsionado e coordenado pela Biblioteca Escolar, que fomenta o desenvolvimento da literacia matemática de forma articulada com a leitura.

Uma outra proposta, de uma mãe voluntária incidiu sobre a organização, pela BECRE, de ações de leitura trimestrais com a família, por exemplo com uma parceria com a Associação de Pais da Escola.

Na sequência deste projeto de voluntariado na leitura junto da família dos alunos, implementado com a coordenação da Biblioteca Escolar, também se experimentou outro projeto no âmbito do voluntariado da leitura, o projeto WebVox³¹, que se pretende implementar em parceria com outras Bibliotecas Escolares de diferentes pontos do país, cujo objetivo é o de promover a leitura e o voluntariado na leitura pela criação e formação de leitores, desenvolvendo o gosto pela leitura e a partilha de saberes. A principal especificidade deste projeto consiste na criação de um serviço, disponibilizado no blogue da Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã e eventualmente na plataforma Moodle do mesmo, textos diversos, lidos e gravados em suporte áudio ou vídeo. Assim propõe-se criar em cooperação com outras BE, um espólio de audiolivros e outros recursos áudio e vídeo, associados a obras da BE (que podem ser editados pela comunidade) com a colaboração de voluntários - dentro e fora da comunidade educativa.

Inserido no conjunto de atividades de leitura realizadas por voluntários deste projeto realizou-se a leitura de uma história, «A revolta dos livros» (in *Histórias de Encantar*), por sete idosos voluntários do Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã na Biblioteca da Escola de Santo António. Esta foi dirigida a todos os alunos de JI, 1º e 2º anos de escolaridade. Em seguida, e num verdadeiro ambiente de permuta, alguns alunos realizaram a leitura da história «O relógio da minha avó». A atividade foi muito bem-sucedida e bem acolhida pelos alunos e idosos, tendo permitido a partilha de saberes e o convívio intergeracional.

Esta atividade de leitura provou que a relação intergeracional entre adultos idosos e as crianças é bastante benéfica, permitindo mesmo uma relação mais forte e ativa entre as duas gerações, como defendido por Alves (2013) e referido em 2.1. Relacionamento intergeracional. Propõe-se a realização de atividades de leitura com instituições de acolhimento e ocupação de idosos, pois, como mostra Ruggiano (2011) no seu estudo (referido no ponto anteriormente mencionado) as situações em que os idosos podem participar em atividades com as crianças são positivas.

³¹ <http://bibliotecahibrida.webnode.pt/servi%c3%a7os-para-alunos/>

Respostas à questão de partida desta investigação: Qual o papel do voluntariado (da leitura) na promoção da leitura no âmbito da Biblioteca Escolar?

A perceção dos **voluntários** relativamente aos benefícios da atividade para os alunos foi bastante positiva, quer no que diz respeito à atividade, quer no que se refere à relação estabelecida, na apreciação da atividade pelas crianças e interesse demonstrado por estas últimas. Ainda pela análise das respostas dos voluntários e de algumas das suas sugestões e opiniões, reforçou-se o exposto em 3.1. do capítulo I, a propósito das componentes fundamentais para a promoção da literacia nas crianças, presentes no projeto americano *Reading is Fundamental* (RIF): ‘a motivação para a leitura; o envolvimento da família e da comunidade (nacional, regional e local); e a escolha dos livros.’ Assim, respondemos afirmativamente às questões apresentadas, fragmentadas da questão ‘Qual a perceção dos voluntários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’ (por sua vez desdobrada da pergunta de partida inicialmente definida): se o voluntário considera que a atividade foi do agrado dos alunos, se todos os alunos beneficiaram de igual forma e se os alunos apreciaram o tipo de leitura realizada pelo voluntário.

Na componente dos benefícios da atividade para o voluntário, em que nos interessava perceber o seu envolvimento no processo de promoção da leitura, se encontrou vantagens no relacionamento com as crianças e se se considerou bem recebido pela Escola e se considerou que cooperou com os objetivos gerais da promoção da leitura, também obtivemos a resposta afirmativa. Destacam-se as opiniões registadas pelos voluntários nos questionários (questão nº4) que vão ao encontro da nossa perspetiva. No que diz respeito aos mais evidentes e imediatos benefícios para os voluntários e crianças, verificou-se o sentimento de integração e atividade para os primeiros e a perceção do prazer de ler pelos segundos, tal como fora verificado no projeto *Lire et Faire Lire*, de França.

À questão ‘Qual a perceção das crianças no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’, pretendíamos perceber se, na dimensão dos alunos e da sua perceção da atividade, as atividades desenvolveram o gosto pela leitura. Verificou-se ser crucial que as ações da Escola para a implementação de hábitos de leitura sejam coerentes e articuladas com a família, como aludido por Corchete e Iglesias (2007). Também os alunos com melhores resultados escolares foram

aqueles que mostraram mais gosto nas atividades de voluntariado da leitura, bem como reconhecimento dos benefícios das mesmas.

Relativamente à dúvida se o projeto de voluntariado da leitura alterou a dinâmica da leitura na BE, na escola e na família, os alunos que referiram gostar pouco de ler ou não gostar de ler, não valorizavam igualmente a leitura em casa. Às famílias destes alunos propõe-se mostrar os ‘5 Concelhos às Famílias’ apresentados pelo projeto do PNL ‘Famílias - Ler + Escolas’ (“Famílias - Ler + Escolas,” n.d.), referidos em 2. A Escola e a família.

Verificou-se logo uma ligeira melhoria entre as duas fases do questionário aplicados aos mesmos alunos. À pergunta de controlo do primeiro questionário, que optámos por manter no segundo questionário, verificámos que tendo a maioria (81%) referido no primeiro questionário que gostava muito de ler, esse valor aumentou no segundo questionário, aplicado aos mesmos alunos, para 87%, verificando-se uma ligeira redução nos valores relativos aos que responderam que gostavam pouco de ler (que reduziu 5%) e aos que afirmaram não gostar de ler (que diminuiu 1%).

Também se propõe a implementação do projeto WebVox que se experimentou com alguns alunos, que consiste na reprodução de textos, em formato áudio e vídeo, recorrendo ao voluntariado. Este projeto, cujo sitio é <http://bibliotecahibrida.webnode.pt/servi%C3%A7os-para-alunos/> e cujos objetivos já foram apresentados neste capítulo, permite que, com estas atividades, as crianças tenham uma melhor perceção da importância do voluntariado, bem como do quanto este pode ser gratificante.

Quanto à questão **‘Qual a perceção dos professores bibliotecários no que respeita à atividade de voluntariado da leitura para a promoção da leitura?’** e na dimensão da Professora Bibliotecária, pretendíamos saber se: a atividade de voluntariado da leitura melhora as competências leitoras dos alunos, bem como o gosto pela leitura. Através das respostas dadas na entrevista, foram verificadas pela PB melhorias nas competências leitoras, pelo contributo dos voluntários, e aumento do gosto pela leitura, em particular nos alunos, cujos familiares se deslocaram à Escola. Também nos interessava perceber que impacto o conjunto das atividades realizadas teve nos alunos envolvidos e se o projeto de voluntariado da leitura alterou a dinâmica da leitura na BE e na família, tendo a entrevistada validado o aumento de requisições domiciliárias de livros pelos alunos e maior uso dos recursos da BE quer por alunos quer por docentes.

Quanto ao indicador relativo à relação com a comunidade, verificou-se, ao contrário das expectativas iniciais de pouca adesão às atividades de voluntariado da leitura, uma grande vontade, quer da parte das famílias, quer de outros indivíduos e entidades da comunidade extraescolar, em participar em atividades de voluntariado na leitura.

Considerando como ponto fraco referido pela Professora Bibliotecária entrevistada, «o voluntariado na leitura ser pouco divulgado e ter pouca adesão na nossa região», e tendo sido igualmente percecionado por nós este facto, foi considerado pertinente este estudo de caso neste Agrupamento de Escolas e neste concelho. Na verdade esta é uma oportunidade para se implementarem projetos de voluntariado neste âmbito da leitura. Reitera-se a importância da cooperação e coordenação entre as diversas instituições educativas e culturais, na implementação de hábitos de leitura na infância, e destas com a família (como referido em 2. A Escola e a família).

A sugestão de melhoria apresentada pela PB coordenadora - formação dos voluntários e posterior alargamento a todas as escolas do Agrupamento - vai ao encontro do projeto «Voluntários da Leitura»³², pois este inclui a formação dos voluntários e a continuidade do projeto.

Devem ainda ser consideradas as componentes essenciais para o sucesso da implementação de um programa de tutoria, apresentadas por Wasik (1998), referidos em 3.2. Os voluntários da leitura. Propõe-se a dinamização, paralela ou articuladamente ao projeto ‘Voluntários da Leitura’, de um projeto com as características do projeto alemão ‘Vorleseclub’ (apresentado em 3.2.), com uma dinâmica interna ao Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã.

Considerações finais

Confirmou-se ser crucial e produtivo o empenho da Escola e da família para a consolidação de hábitos de leitura, reunindo esforços para que essa consolidação seja o mais natural e que garanta um futuro melhor para a criança, como exposto por González e Jackson (2013). Os alunos que referiram gostar muito de ler foram a maioria nas duas fases do questionário, o que, juntamente com o número de voluntários que se conseguiu - apenas através de um convite enviado para casa - para um espaço de tempo tão curto e dentro de um horário tão pouco flexível (cerca de 88 voluntários),

³² Ver capítulo I, 3.2.1. O projeto Voluntários de Leitura

demonstra que há, cada vez mais, uma união de esforços entre a Escola e a família para a estabilização de hábitos de leitura nas crianças.

Todos os voluntários sem exceção (abrangidos ou não neste estudo) se mostraram bastante disponíveis para futuras atividades voluntárias, de leitura ou outras.

Pelo exposto, considera-se a implementação do projeto «Voluntários da Leitura»¹² uma boa prática para a implementação do voluntariado na promoção da leitura pela Biblioteca Escolar.

Aconselhamos a rentabilização do excelente recurso que são os voluntários mais velhos (de instituições e lares) bem como a colaboração da Universidade Sénior para a sensibilização e o recrutamento de voluntários para a leitura.

Também a parceria com outros Agrupamentos do concelho da Covilhã, pelo envolvimento dos alunos de ensino secundário, e da UBI, com a ligação aos alunos universitários pode ser bastante benéfica no recrutamento de voluntários da leitura, ligados ou não ao projeto nacional.

Bibliografia

- Abreu, N. M. B. (2012). *Voluntariado e Envelhecimento Ativo : estudo na cidade da Covilhã*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR Faculdade de Ciências da Saúde.
- Alves, S. M. (2013). *Cuidar ou Ser Responsável ? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos*. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Bayona, V. M. (2005). Lectores competentes. *Revista de Educación*, 153-167.
- Calçada, M. T. (2009). Rede de Bibliotecas Escolares: 13 anos a construir saberes. *Newsletter 05*: [Http://www.rbe.min-edu.pt/np4/556.html](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/556.html), 5.
- Calvino, I. (1991). *Porquê Ler os Clássicos?* Lisboa: Editorial Teorema.
- Cerrillo, P. C., Larrañaga, E., & Yubero, S. (2002). *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje* (p. 142). Cuenca: Univ de Castilla La Mancha. Retrieved from <http://books.google.com/books?id=n72GJFD1X64C&pgis=1>
- Cerrillo, P., Padrino, J. (coord. . (2001). *Hábitos lectores y animación a la lectura*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. Retrieved from <http://www.ecured.cu/index.php/Archivo:Habitoslec.jpg>
- Conde, E. (2006). A biblioteca escolar e a aprendizagem. In *A Integração das TIC nas Biblioteca Escolar* (pp. 101-115). Lisboa: DGIDC.
- Corchete, T., & Iglesias, S. (2007). *Lectura y familia*. (Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Ed.). Salamanca: Centro de Documentación e Investigación de Literatura Infantil y Juvenil.
- DAS, L. H. (2008). Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho. Rede de Bibliotecas Escolares Newsleter. *Rede de Bibliotecas Escolares Newsletter [em linha]*. N.º 3. Retrieved December 27, 2013, from http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0055.htm

- Famílias - Ler + Escolas. (n.d.). Retrieved from <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/orientacoes.php?idSubtopicoOrientacao=34>
- Fisher, D., Frey, N., & Williams, D. (2002). Seven Literacy Strategies That Work K-W-L Charts, *60*(3), 70-73.
- Freire, A. (2007). *Biblioteca Escolar e Sala de Aula. Intersecção de duas realidades através do trabalho colaborativo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Fujiwara, Y., Sakuma, N., Ohba, H., Nishi, M., Lee, S., Watanabe, N., ... Shinkai, S. (2009). REPRINTS: Effects of an Intergenerational Health Promotion Program for Older Adults in Japan. *Journal of Intergenerational Relationships*, *7*(1), 17-39. doi:10.1080/15350770802628901
- Furtado, C. C., & Oliveira, L. (2010). A Biblioteca Escolar na Formação de Comunidades de Leitores-Autores via WEB. *Informação & Sociedade: Estudos*, *20*(nº 1), 13-23.
- Gardner, J., & Meyers, L. (2005). *La lectura es divertida. Diez métodos para cultivar al hábito de lectura en los niños* (p. 140). Alcalá de Guadaíra (Sevilla): EDITORIAL MAD, S.L.
- Gomes, A. C. (2004). *Casos e Contos Viagem por um Brasil solidário* (p. 70). São Paulo: Faça Parte - Instituto Brasil Voluntário.
- Gonçalves, C. M. (2003). Escola e Família: Uma relação necessária e conflitual. In *Gestão de Conflitos na Escola* (pp. 98-142). Lisboa: Universidade Aberta.
- González, R. L., & Jackson, C. L. (2013). Engaging with parents: the relationship between school engagement efforts, social class, and learning. *School Effectiveness and School Improvement*, *24*(3), 316-335. doi:10.1080/09243453.2012.680893
- Guerreiro, A. (2011, February 21). O livro digital e o demónio da analogia. [Www.expresso.pt](http://www.expresso.pt). Lisboa.

- Houle, B. J., Sagarin, B. J., & Kaplan, M. F. (2005, December). A Functional Approach to Volunteerism: Do Volunteer Motives Predict Task Preference? *Basic and Applied Social Psychology*. Routledge. doi:10.1207/s15324834basp2704
- IFLA/UNESCO. (1999). A Biblioteca Escolar no Ensino-Aprendizagem para todos. Manifesto da Biblioteca Escolar. Retrieved November 29, 2013, from <http://www.oei.es/pdfs/rbe6.pdf>
- INE. (2013). *Inquérito ao Trabalho Voluntário 2012, in Destaque - Informação à Comunicação Social* (pp. 1-20). Lisboa.
- Lau, J. (2007). *Directrizes sobre Desenvolvimento de Habilidades de Informação para a Aprendizagem Permanente* (pp. 1-56).
- ME-DEB. (2002). *Currículo nacional do ensino básico: Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Meirinhos, M. (2010). Educação O estudo de caso como estratégia de investigação em educação The case study as research strategy in education, 2(2), 49-65.
- Millán, J. A. (2008). *La lectura y la sociedad del conocimiento*. (Gobierno de Navarra: Departamento de Educación, Ed.). Gobierno de Navarra.
- Morão, P. (2009). A leitura - Cidadãos e pessoas, obrigação e prazer. In *Calisto, J Bibliotecas para a vida II. Bibliotecas e leitura* (pp. 19-35). Lisboa: Edições Colibri.
- Nogueira, M. A. (1998). Relação Família-Escola: Novo objeto na sociologia da Educação. *Paidéia*, 91-103.
- Pinto, E. R. C. P. R. (2013). *A Participação Intergeracional nas Atividades da Biblioteca Escolar*. Universidade de Aveiro.
- PNL. (n.d.). Famílias com crianças até aos 6 anos - Ler + Escolas. Retrieved December 28, 2013, from <http://www.planacionaldeleitura.gov.pt/escolas/orientacoes.php?idSubtopicoOrientacao=8>

- PNL - Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE. (n.d.). Retrieved from <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/dbpnl/>
- Prole, A. (2007). *A experiência das Comunidades de Leitores em Portugal. Da literatura à vida, da vida à literatura* (pp. 1-11). Lisboa: Casa da Leitura.
- Prole, A. (2008a). *Como fazer um Projecto de Promoção da Leitura* (Vol. 2000, pp. 1-10). Lisboa.
- Prole, A. (2008b). *Pepino torcido Conselhos teóricos para torcer o pepino* (pp. 1-22). Lisboa: Casa da Leitura.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gardiva.
- Ruggiano, N. (2011, July 21). Intergenerational Shared Sites: An Examination of Socio-Physical Environments and Older Adults' Behavior. *Research on Aging*. doi:10.1177/0164027511414916
- Sardinha, M., Relvas, A. (2009). O resumo: Técnicas de ensino explícito. In *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel.
- Serrão, A., Ferreira, C. P., & Sousa, H. D. De. (2010). *PISA 2009 Competências dos alunos portugueses - Síntese dos resultados*. Lisboa: GAVE.
- Stake, R. E. (2009). *A arte da Investigação com Estudos de Caso*. (Fundação Calouste Gulbenkian, Ed.) (2ª ed., p. 187). Lisboa: Sage.
- Taquelim, C. (2009). *contributos para o desenho de uma sessão. Casa da Leitura* (pp. 1-4). Lisboa: Casa da Leitura. Retrieved from http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_anima_leitura.pdf
- Tavares, C. F. (2008). *Didáctica do Português - Língua Materna e não Materna - No Ensino Básico*. (Porto Editora, Ed.). Porto.

- Tomé, M. da C. D. A. F. (2008). A biblioteca escolar e o desafio da literacia da informação : um estudo empírico no Distrito de Viseu. Lisboa: Universidade Aberta. Retrieved from <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1222>
- Voluntários da Leitura. (n.d.). Retrieved from <http://www.voluntariosdaleitura.org/>
- Wasik, A. (1998). Using tutors : successful volunteers Guidelines practices as reading for What is the America Reads. *The Reading Teacher*, 51(7), 562-570.
- Wasik, B. A. (1997). *Report nº 14: Volunteer Tutoring Programs: A Review of Research on Achievement Outcomes* (pp. 1-28). Washington, DC: CRESPAR: Center for Research on the Education of Students Placed At Risk.
- Yin, R. K. (2006). *Estudo de Caso Planejamento e Métodos*. (Bookman, Ed.) (3ª ed.). Porto Alegre.

Anexos

Anexo 1: Matriz do guião de entrevista

Guião de entrevista sobre Promoção de Leitura com a família

Esta entrevista insere-se no âmbito da investigação que está a ser realizada no contexto do mestrado em Promoção da Leitura e Bibliotecas Escolares da Universidade de Aveiro, sob a orientação da Prof. Lídia Oliveira (lidia@ua.pt).

Agradecemos que responda às seguintes questões, enquanto professora bibliotecária, relativamente ao resultado das atividades de leitura realizadas por voluntários, na promoção da leitura no Agrupamento.

1. Que benefícios considera que as atividades de voluntariado na leitura realizadas trouxeram para a **Escola e a Biblioteca Escolar**, no que respeita à promoção da Leitura
2. Que benefícios considera que as atividades de voluntariado na leitura realizadas trouxeram para **os alunos**, no que respeita à promoção da Leitura. Refira-se, por favor, aos seguintes aspetos:
 - 2.1. Competências leitoras
 - 2.2. Gosto pela leitura
 - 2.3. Impacto da atividade nos alunos
 - 2.4. Dinâmica da leitura na BECRE / Escola
 - 2.5. Dinâmica da leitura na família
 - 2.6. Relação com a comunidade extraescolar
3. Relativamente ao voluntariado na promoção da Leitura, indique:
 - 3.1. os pontos fortes
 - 3.2. os pontos fracos

- 3.3. sugestões de melhoria
- 3.4. Qual ou quais as estratégias que considera mais eficientes para motivar as pessoas a colaborarem como voluntários no âmbito das atividades de promoção da leitura?
- 3.5. Considera que se devem realizar atividades de formação para candidatos a voluntários de promoção da leitura? (Se sim, de que tipo? com que duração? dinamizadas por quem?)

Antes de finalizarmos poderá acrescentar o que considere pertinente sobre esta problemática do voluntariado para a promoção da leitura.

Apenas algumas questões de perfil:

- Há quantos anos exerce as funções de Professor(a) Bibliotecário(a)?
- A que grupo disciplinar pertence?
- Idade / Género

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo 2: Matriz do inquérito por questionário aos alunos

Questionário sobre Promoção de Leitura com a família

Para sabermos como decorreu a atividade de leitura que assististe.

1. Gostas de ler?

Sim, muito

☐

Sim, pouco

☐

Não

☐

2. Gostaste desta história?

Sim, muito

☐

Sim, um bocadinho

☐

Não

☐

2.1 Porquê?

Pela maneira como foi contada

☐
☐

Pelo tipo de histórias

☐
☐

Pela pessoa que a contou

Por outra razão:

Qual: _____

3. Gostavas que te lessem /contassem mais histórias na Escola ou na Biblioteca da Escola?

Sim, uma vez por dia

☐
☐

Sim, 2 vezes por semana

☐
☐

Sim, por vezes

Não gosto de ouvir ler

4. Gostavas que te lessem /contassem mais histórias em casa?

Sim, uma vez por dia

☐
☐

Sim, 2 vezes por semana

☐
☐

Sim, por vezes

Não gosto de ouvir ler

4.1. Quem gostavas que te lesse ou contasse histórias em casa? (podes assinalar mais do que uma opção)

Pai / mãe

☐
☐
☐

Avô/ avó

☐
☐
☐

Irmão/irmã

Tio / tia

Amigo/amiga

Outra pessoa: _____

5. Que tipo de história preferes (podes assinalar mais do que uma opção)

mistério

☐
☐

história de animais / fábula

☐
☐

aventura

história tradicional

conto

poesia

conto de fadas

outro / não sei

6. Sobre ti:

Idade

--

Ano de escolaridade

--

Género

M	F
---	---

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo 3: Matriz do inquérito por questionário aos voluntários

Questionário sobre Promoção de Leitura com a família

Agradecemos que responda a este questionário que demora cerca de 5 minutos.

1.1 Selecione a opção que melhor se aplica no seu caso

Familiar de aluno da escola:

Pai / mãe

Avô/ avó

Irmão/irmã

Tio / tia

Outro

Não familiar de aluno da escola:

Conhecido de familiar

Conhecido de elemento da escola

Sem relacionamento com a escola

Outro

1.2. Selecione a opção que melhor se aplica no seu caso

Escolaridade:

Ensino básico

Ensino secundário

Ensino superior

Outra

Situação profissional:

Desempregado

Empregado

Reformado

Outra

Idade:

Até 25

26 - 35

36-45

46 - 55

Mais 55

1.3.1. Costuma ler / contar histórias:

Sim, frequentemente

Sim, por vezes

Raramente

É a primeira vez que leio/conto histórias

1.3.2. Costuma colaborar em ações de voluntariado:

Sim, frequentemente

Sim, por vezes

Raramente

É a primeira vez que leio/conto histórias

2.1. Considera que a atividade motivou / incentivou as crianças para a leitura

Nada

--

Pouco

--

Suficiente

--

Bastante

--

2.2. A relação com as crianças foi:

Insatisfatória ☐ Pouco satisfatória ☐ Satisfatória ☐ Muito satisfatória ☐

2.3. Receção pela Escola / Biblioteca Escolar

Insatisfatória ☐ Pouco satisfatória ☐ Satisfatória ☐ Muito satisfatória ☐

2.4. Disponibilidade para realizar mais atividades de leitura na Escola

Sim, frequentemente ☐ Sim, pontualmente ☐ Não ☐

3.1. Alunos que na sua opinião gostaram da atividade

Muito poucos ☐ Menos de metade ☐ Mais de metade ☐ (Quase) todos ☐

3.2. Na sua opinião, para os alunos a atividade foi

Desinteressante ☐ Pouco interessante ☐ Interessante ☐ Muito interessante ☐

3.3. A história que apresentou

O texto foi escolhido por mim	<input type="checkbox"/>	O texto foi sugerido pela prof. bibliotecária	<input type="checkbox"/>
O texto foi sugerido pelo meu filho	<input type="checkbox"/>	O texto foi sugerido pelo prof. da turma	<input type="checkbox"/>
Outro caso	<input type="checkbox"/>	Qual: _____	

3.4. Que tipo de história apresentou

mistério	<input type="checkbox"/>	história de animais / fábula	<input type="checkbox"/>
aventura	<input type="checkbox"/>	história tradicional	<input type="checkbox"/>
conto	<input type="checkbox"/>	conto de fadas	<input type="checkbox"/>
poesia	<input type="checkbox"/>	outro / não sei	<input type="checkbox"/>

4. Deixe-nos aqui a sua opinião sobre formas de motivar as pessoas a aderir à iniciativa de Voluntários de Leitura

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo 4: Grelha de observação

Voluntariado da leitura na promoção da leitura - Dinâmica global Grelha de Observação

Data: _____ Hora: _____ Local: _____
Turma: _____ Professor observador: _____
História/sessão: _____
Voluntário: nome codificado _____

Instruções de preenchimento:

Assinalar cada um dos aspetos apresentados numa escala entre 0 e 5 em que 0 significa nada positivo e 5 muito positivo.
Deixar em branco o que não se observou.

	0	1	2	3	4	5
1. Alunos interessados – início (nº de alunos)						
2. Alunos interessados – final (nº de alunos)						
3. Motivação do voluntário - início						
4. Motivação do voluntário - final						
5. Relação voluntário / crianças						
6. Duração da atividade						

Outras informações:

História apresentada e método usado	
Características relevantes do voluntário	
Comportamentos típicos das crianças ao longo da atividade	

Observações / sugestões:

Anexo 5: Resultados do questionário aos alunos - fase 1

Resultados questionário alunos

Fase 1 (até 27 março 2014)

113 respostas

Resumo

1. Gostas de ler?

Sim, muito	92	81%
Sim, pouco	18	16%
Não	3	3%

2. Gostaste desta história?

Sim, muito	90	80%
Sim, um bocadinho	21	19%
Não	2	2%

Pela maneira como foi contada	54	46%
Pela pessoa que a contou	10	8%
Pelo tipo de história	44	37%
Outro	10	8%

3. Gostavas que te lessem /contassem mais histórias na Escola ou na Biblioteca da Escola?

Sim, uma vez por dia	52	47%
Sim, por vezes	30	27%
Sim, 2 vezes por semana	28	25%
Não gosto de ouvir ler	1	1%

4. Gostavas que te lessem /contassem mais histórias em casa?

Sim, uma vez por dia	47	43%
Sim, por vezes	34	31%
Sim, 2 vezes por semana	21	19%
Não gosto de ouvir ler	7	6%

4.1. Quem gostavas que te lesse ou contasse histórias em casa?

Pai / mãe	96	49%
Irmão/irmã	27	14%
Amigo/amiga	14	7%
Avô/ avó	30	15%
Tio / tia	20	10%
Outro	8	4%

5. Que tipo de história preferes

mistério	64	24%
aventura	84	32%
conto	19	7%
poesia	30	11%
fábula	32	12%
história tradicional	16	6%
conto de fadas	9	3%
outro / não sei	11	4%

7. Sobre ti:

(Idade)

8	42	39%
9	55	51%
10	10	9%
Outro	0	0%

(Ano de escolaridade)

3º	61	58%
4º	45	42%

(Sexo)

Masculino	54	50%
Feminino	54	50%

https://docs.google.com/forms/d/1H3_hUfvF2xVyhE6UsLtQGdwp5kMk0h8g22bIQk6mYgk/viewanalytics

Anexo 6: Resultados do questionário aos alunos - fase 2

Resultados questionário alunos

Fase 2 (até 30 abril 2014)

126 respostas

Resumo

1. Gostas de ler?

Sim, muito	110	87%
Sim, pouco	14	11%
Não	2	2%

2. Gostaste desta história?

Sim, muito	121	98%
Sim, um bocadinho	3	2%
Não	0	0%

Pela maneira como foi contada	68	42%
Pela pessoa que a contou	16	10%
Pelo tipo de história	68	42%
Outro	10	6%

3. Gostavas que te lessem /contassem mais histórias na Escola ou na Biblioteca da Escola?

Sim, uma vez por dia	58	47%
Sim, por vezes	20	16%
Sim, 2 vezes por semana	44	35%
Não gosto de ouvir ler	2	2%

<https://docs.google.com/forms/d/11XBYIHat5jsLiL6XQ6r5TZNIUg9WYiSz8YxpIL1bv9o/viewanalytics>

Anexo 7: Resultados do questionário aos voluntários

Resultados questionário voluntários

total (até 27 março 2014)

15 respostas

Resumo

1.1 Selecione a opção que melhor se aplica no seu caso

Pai / mãe	12	80%
Avô/ avó	1	7%
Irmão/irmã	0	0%
Tio / tia	2	13%
Outro	0	0%

Ainda não existem respostas a esta pergunta.

1.2. Selecione a opção que melhor se aplica no seu caso

Ensino básico	0	0%
Ensino secundário	6	40%
Ensino superior	9	60%
Outra	0	0%

Desempregado	0	0%
Empregado	12	92%
Reformado	1	8%
Outra	0	0%

Até 25	0	0%
26 – 35	4	27%
36-45	8	53%
46 – 55	1	7%
Mais 55	2	13%

1.3.1. Costuma ler / contar histórias:

Sim, frequentemente	9	60%
Sim, por vezes	5	33%
Raramente	1	7%
É a primeira vez que leio/conto histórias	0	0%

1.3.2. Costuma colaborar em ações de voluntariado:

Sim, frequentemente	2	13%
Sim, por vezes	10	67%
Raramente	1	7%
É a primeira vez	2	13%

2.1. Considera que a atividade motivou / incentivou as crianças para a leitura

Nada	0	0%
Pouco	0	0%
Suficiente	8	53%
Bastante	7	47%

2.2. A relação com as crianças foi:

Insatisfatória	0	0%
Pouco satisfatória	0	0%
Satisfatória	2	13%
Muito satisfatória	13	87%

2.3. Receção pela Escola /Biblioteca Escolar

Insatisfatória	0	0%
Pouco satisfatória	0	0%
Satisfatória	0	0%
Muito satisfatória	15	100%

2.4. Disponibilidade para realizar mais atividades de leitura na Escola

Sim, frequentemente	7	47%
Sim, pontualmente	8	53%
Não	0	0%

3.1. Alunos que na sua opinião gostaram da atividade

Muito poucos	0	0%
Menos de metade	0	0%
Mais de metade	2	13%
(Quase) todos	13	87%

3.2. Na sua opinião, para os alunos a atividade foi

Desinteressante	0	0%
Pouco interessante	0	0%
Interessante	6	40%
Muito interessante	9	60%

3.3. A história que apresentou

Foi escolhida por mim	6	40%
Foi sugerida pelo meu filho	8	53%
Foi sugerida pela prof. bibliotecária	1	7%
Foi sugerida pelo professor da turma	0	0%
Outro caso	0	0%

3.4. Que tipo de história apresentou

mistério	0	0%
aventura	0	0%
conto	7	47%
poesia	0	0%
fábula	5	33%
história tradicional	2	13%
conto de fadas	0	0%
outro /não sei	1	7%

4. Deixe-nos aqui a sua opinião sobre formas de motivar as pessoas a aderir à iniciativa de Voluntários de Leitura

O contacto com as pessoas através dos alunos ou mesmo individualmente, pelo telefone, terá com certeza bons resultados. Haver mais iniciativas desta natureza. Atividades como esta fomentam o gosto pela leitura. Parabéns! Quanto mais frequentes forem estas iniciativas, mais pessoas se sentirão motivadas. Incentivar, através dos alunos, os pais a colaborarem mais nestas ações. Passa pelos filhos o «despertar» do gosto pela leitura nos pais. Proporcionar momentos de satisfação aos leitores pondo em prática este tipo de iniciativas. Como forma de motivar as crianças para a leitura, motivando-se a si própria. Divulgar a iniciativa através dos meios de comunicação, assim como publicitar a importância da leitura no desenvolvimento das crianças e adultos. Penso que no meu caso não é preciso motivação, pois sendo pai de 2 crianças não há motivação maior. Talvez maior divulgação e envolvimento por parte da família (avós primos, tios). Penso que este tipo de atividades se devem realizar mais vezes. Acho que é motivante para os miúdos e mesmo sendo um deles também a contar histórias para os colegas e os pais. Promover o seu envolvimento em iniciativas de promoção da leitura: contacto com escritores, leituras partilhadas com os alunos...

<https://docs.google.com/forms/d/15NEY0w9Uc4LkUyLiXx26bQ9BP3DLeDwRENLYwecJGVs/viewanalytics>

Anexo 8: Outros Documentos Consultados

Documentação Legal

- Lei nº 71/98, de 03-11-1998

Documentos Oficiais Internos

- Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã. (2009). *Projecto Educativo do AEPC 2009-2013 (actualizado em 2010)*. Covilhã: Conselho Pedagógico do Agrupamento
- Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã. (2010). *Regimento Interno da BE do AEPC*. Covilhã: Equipa da Biblioteca Escolar
- Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã. (2010). *Regulamento Interno do AEPC*. Covilhã: Conselho Pedagógico do Agrupamento
- Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã. (2010). *Relatório de Auto-avaliação da Biblioteca Escolar do AEPC, ano letivo 2012/2013*. Covilhã: Equipa da B. Escolar
- Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã. (2013). *Plano de Melhoria da Biblioteca Escolar do AEPC, ano letivo 2013/2014*. Covilhã: Equipa da Biblioteca Escolar
- RBE. (2013) *Base de dados da Rede de Bibliotecas Escolares, relativo ao ano letivo 2012/2013*